



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



GIZELI APARECIDA PEREIRA

**PROJETO SOCIAL, ESPORTE E EDUCAÇÃO: AS IDENTIDADES
E DIFERENÇAS PRESENTES NO ENSINO DO TAEKWONDO**

CAMPINAS

2018

GIZELI APARECIDA PEREIRA

**PROJETO SOCIAL, ESPORTE E EDUCAÇÃO: AS IDENTIDADES
E DIFERENÇAS PRESENTES NO ENSINO DO TAEKWONDO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação
da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas para a obtenção do título de Licenciada em
Educação Física.**

Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz Ferrari Nunes

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

P414p Pereira, Gizeli Aparecida, 1991-
Projeto social, esporte e educação : as identidades e diferenças presentes no ensino do Taekwondo / Gizeli Aparecida Pereira. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Mário Luiz Ferrari Nunes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Projetos sociais. 2. Esporte. 3. Educação. 4. Estudos culturais. I. Nunes, Mário Luiz Ferrari. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais complementares

Título em outro idioma: Social project, sport and education: the identities and differences present in the teaching of Taekwondo

Palavras-chave em Inglês:

Social program

Sport

Education

Cultural studies

Área de concentração: Humanidades

Titulação: Licenciada

Banca examinadora:

Jorge Luiz de Oliveira Junior

Data de entrega do trabalho definitivo: 26-06-2018

*“I was here
I lived, I loved
I was here
I did, I've done
Everything that I wanted
And it was more than I thought it would be
I will leave my mark so everyone will know
I was here.”*

Beyoncé

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, pois sem ela eu não estaria neste mundo. Agradeço por terem entendido todas as minhas ausências nos últimos anos e me dado todo o apoio que precisava para nunca desistir dos meus sonhos. Muito obrigada!

Agradeço a Deus, pois nos momentos de desespero era Nele que eu achava conforto e calma.

Agradeço ao meu orientador Mário Luiz Ferrari Nunes, por ter aceitado entrar nessa aventura final junto comigo mesmo eu não entendendo muito sobre a sua área de trabalho no início, mas que após poucos encontros e muitos textos depois, me fez enxergar todo o mundo e a Educação Física de uma forma totalmente diferente da que eu estava acostumada a enxergar. Espero conseguir um dia ser tão boa professora quanto você foi para mim!

Agradeço à Professora Teka, que foi a primeira professora que me encorajou a ser e a fazer mais do que a sociedade nos impõe. Obrigada por ser mais do que uma simples professora para os seus alunos. Obrigada por tudo!

Agradeço ao professor Ademir De Marco, por ter me dado a primeira oportunidade de experiência na área da Educação Física escolar. Aprendi muito trabalhando com você e se hoje me sinto preparada para enfrentar a Escola, é tudo graças a essa oportunidade que você disponibiliza para muitos estudantes. Muito obrigada!

Agradeço à Ariadne Carvalho, à Thaynã Viana, à Isabella de Sordi, à Amanda Franchi, à Luisa Folharini, à Gabriela Cândido e ao Luiz Mello por serem os melhores amigos que alguém pode ter durante a faculdade. Foram cinco anos intensos e que agora estão marcados na pele! TG pra sempre!

Agradeço à equipe de Taekwondo da Unicamp, por terem me recebido de braços abertos e me ajudado a crescer como pessoa, amiga e atleta. Agradeço ao amigo Otávio por ter me apresentado à equipe, ao professor Fábio Sunica por ter cara de mau e fazer com que eu me esforçasse sempre durante os treinos e ao professor e amigo Gustavo Henrique, por sempre dar os melhores conselhos nas horas certas, por fazer com que eu me sentisse forte nos momentos de fraqueza, por fazer com que eu me apaixonasse pelas lutas e por me fazer amar passar o que eu aprendi para os nossos pequeninos da extensão.

Obrigada também à Letícia e à Bianca por terem caminhado comigo durante um ano e meio nas aulas de Taekwondo infantil!

Agradeço aos meus companheiros do Grupo de Orientação e do Grupo de estudos Transgressão por toda a ajuda no início deste trabalho. Pelas dicas e puxões de orelha que me ajudaram a abrir os olhos para alguns erros e também acertos, deixo o meu **MUITO OBRIGADA!** Vocês foram muito importantes! Marina e Maísa: obrigada por me acalmarem quando eu estava desesperada, mesmo sem vocês saberem.

Agradeço por último, mas não menos importante, ao meu amigo, irmão e companheiro de todas as horas, Jonathan Machado. Você nunca me abandonou mesmo quando eu merecia. Aguentou meus surtos, meus choros, meus desesperos. Curtiu as aventuras, risadas, alegrias e os amores junto comigo. Mesmo longe você esteve presente sempre e nunca me deixou desistir! Muito obrigada por me deixar fazer parte da sua vida!

PEREIRA, Gizeli Aparecida. **Projeto Social, Esporte e Educação: As identidades e diferenças presentes no ensino do Taekwondo**, 2018. B5f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

RESUMO

A criação de programas e projetos sociais são uma tentativa do Estado de diminuir a desigualdade entre seus cidadãos por meio das políticas públicas assistencialistas. Muitas dessas políticas são atreladas ao esporte e visam atender a crianças e jovens em situação de risco social. Neste trabalho, analisamos um projeto social de ensino do Taekwondo em uma escola estadual pública no município de Sumaré – SP. Este projeto está inserido no Programa Escola da Família (PEF), institucionalizado pelo governo do Estado de São Paulo no ano de 2004. O PEF tem como principal característica a manutenção das escolas públicas abertas aos finais de semana. Através das produções a respeito da análise cultural, produzida no campo dos Estudos Culturais e entrevistas narrativas com os jovens participantes do projeto, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo e tentamos verificar as formas de regulação presentes no presente projeto e o seu impacto na produção das identidades dos sujeitos que dele participam. Consideramos que projetos como este impactam nas identidades produzidas pelos jovens atendidos, ao mesmo tempo em que contribuem para que ainda hoje crianças e jovens sejam tutelados por discursos hegemônicos sobre classe social, gênero, saúde e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto Social; Esporte; Educação, Estudos Culturais.

PEREIRA, Gizeli Aparecida. **Social Project, Sport and Education: The identities and differences present in the teaching of Taekwondo**, 2018. B5f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

ABSTRACT

The creation of social programs and projects is an attempt by the State to reduce inequality among its citizens through public assistance policies. Many of these policies are linked to sport and aim to serve children and young people at social risk. In this work, we analyze a social project of Taekwondo teaching in a public state school in Sumaré city (SP). This project is part of the Programa Escola da Família (PEF), institutionalized by the government of the State of São Paulo in 2004. The main characteristic of the PEF is the maintenance of public schools open on weekends. Through the productions about the cultural analysis produced in the field of Cultural Studies and narrative interviews with the young participants of the project, we conducted a qualitative research and tried to verify the forms of regulation present in this project and its impact on the production of identities of the subjects who participate in it. We believe that projects like this impact on the identities produced by the young people served, while at the same time contributing to the fact that today children and youths are guarded by hegemonic discourses on social class, gender, health and education.

KEYWORDS: Social program; Sport; Education; Cultural Studies.

LISTA DE SIGLAS

Estudos Culturais	EC
Quadro da Secretaria da Educação	QSE
Quadro de Apoio Escolar	QAE
Organizações Não Governamentais	ONGs
Programa Escola da Família	PEF
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo	SEE-SP
Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Sequência de faixas no Taekwondo.....	15
QUADRO 2 - Atividades Presentes na Escola.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. AFINAL, O QUE É O TAEKWONDO?.....	13
1.1 A história segundo o “quartel general” do Taekwondo na Coreia.....	13
1.2 Graus de aprimoramento.....	14
1.3 Princípios da arte marcial.....	15
1.4 Juramento.....	17
1.4.1 Juramento do aluno.....	18
1.4.2 Juramento de competição.....	18
2. O PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA.....	19
2.1 O PEF e o Taekwondo neste estudo: como se articulam?.....	24
2.2 Os Estudos Culturais.....	26
3. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESCOLHIDA.....	31
4. METODOLOGIA.....	33
4.1 Sujeitos da pesquisa.....	33
4.2 A produção das observações e entrevistas.....	34
4.3 Protocolo das entrevistas.....	35
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	37
5.1 Os discursos de poder, identidade, diferença, cuidado de si, gênero.....	40
5.2 Discursos de saúde e qualidade de vida no meio da questão social: a identidade que se quer destes jovens.....	42
5.3 Problemas no programa.....	45
6. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

A minha relação como pesquisadora neste trabalho é bastante recente. Iniciei minha história na prática do Taekwondo no ano de 2013, assim que entrei no curso de Educação Física na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Estranhamente, não foi um companheiro de curso que me apresentou a modalidade e sim um estudante de engenharia, que frequentava a faculdade para praticar a arte marcial no horário noturno.

Iniciei os treinos. Peguei gosto. Treinava quando dava, pois trabalhava em outra cidade. Em 2015, larguei o emprego para me dedicar apenas aos estudos e, no ano de 2017, após algumas graduações nesta prática corporal, me tornei uma das professoras da equipe e fiquei encarregada da turma infantil. No mesmo ano, um projeto social voltado para o ensino do Taekwondo surgiu na minha cidade natal (Sumaré), visando o ensino para alunos de uma escola estadual.

Nesse momento, comecei a indagar como projetos deste tipo influenciam a vida de diferentes pessoas. Será que elas sentiram o mesmo que eu? Será que a importância para eles é a mesma que eu dou para a prática corporal? Além destas questões, outras mais intrigantes também começaram a surgir: por que alguém dedicaria um tempo que seria livre para se dedicar a um projeto social? Por que eles existem? Quais são as intencionalidades desses projetos? Quem ganha com isso? Só quem é atendido ou há algo maior? E se houver esse algo maior, o que será? Sendo assim, quis aproveitar o projeto presente na escola para tentar responder a estas questões e talvez novas questões que poderiam surgir conforme a pesquisa se desenvolvesse. Isso não só para mim, mas para contribuir com a produção de conhecimento tanto na área da educação não formal, como para o Taekwondo.

O Taekwondo, vindo de uma cultura totalmente diferente da do nosso país, se insere na vida de diversas crianças e jovens participantes do projeto e possivelmente, criando as mais diversas significações desta prática corporal. Cabe, então, questionar os impactos desta política cultural nos modos de ser de seus sujeitos.

Neste cenário, torna-se necessário investigar as formas de regulação que tal projeto elabora, a fim de inserir os participantes nas metas sociais estabelecidas pelas políticas públicas que as produzem, bem como o impacto na produção das identidades

dos seus sujeitos. Para atender a este objetivo de pesquisa, recorreremos às produções a respeito da análise cultural, produzida no campo dos Estudos Culturais.

Para tal, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo. Com base na etnografia, em entrevistas narrativas e estudos bibliográficos sobre o tema, buscamos identificar as posições de sujeito que esse projeto produz para os alunos em relação à prática do Taekwondo.

No primeiro capítulo deste trabalho, narramos alguns aspectos que compõe a história hegemônica da arte marcial Taekwondo para que o leitor possa ter um conhecimento introdutório a seu respeito. Abordamos também os principais pontos sobre a arte marcial, que é ensinada no projeto social. No segundo capítulo, discorremos sobre as políticas públicas e o Programa Escola da Família (PEF), no qual o ensino do Taekwondo se insere e sobre os projetos sociais em geral. Situamos, também, o leitor nos Estudos Culturais (EC) especificamente as questões que incidem sobre a produção da identidade e a marcação da diferença. O terceiro capítulo versa sobre a escola analisada, suas características e sujeitos que por lá circulam. Já no quarto capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para a produção dos dados do presente trabalho e descrevemos os sujeitos participantes da pesquisa. No quinto capítulo iniciamos as discussões a partir dos dados produzidos e por fim, anunciamos nossas considerações finais sobre o que pesquisamos.

1. AFINAL, O QUE É O TAEKWONDO?

1.1 A história segundo o “quartel general” do Taekwondo na Coreia¹

Para iniciar este estudo, se faz necessário introduzir o leitor na cultura do Taekwondo e conhecer suas origens, para que se possa compreender os dados problematizados nesta pesquisa. Sendo assim, neste primeiro capítulo, abordamos a origem da arte marcial, suas características e princípios, levando em consideração que qualquer história acerca de um objeto assume a condição de narrativa hegemônica. Para tanto, utilizamos os dados obtidos a partir do “World Taekwondo Headquarters” (traduzido literalmente do inglês como “Quartel General do Taekwondo”, mas sendo mais conhecido pelo seu nome Kukkiwon, em coreano).

Desde o início da história dos seres humanos, o próprio corpo, desprovido de armas, era a principal ferramenta de defesa dos homens, e assim, por necessidade, desenvolveram-se as técnicas de mão nua de combate. Mesmo com o desenvolvimento e maior disponibilidade de armas como meio de ataque e defesa, as técnicas de combate corpo a corpo continuaram a se multiplicar com o objetivo de defender o território, como é possível vislumbrar nas narrativas que versam sobre os encontros e rituais dos primeiros agrupamentos de humanos.

Conta-se que, no início da história da ocupação da península coreana, aproximadamente em 50a.C.², existiam três tribos, que realizavam competições entre si. Nessas, cada guerreiro demonstrava sua técnica marcial durante os rituais do ano. Neste período, as técnicas de luta surgiram das experiências de combate contra animais, cujos movimentos defensivos e ofensivos foram também objeto de observação. Afirma-se que esta seja a origem do Taekwondo.

¹Kukkiwon, também conhecida como World Taekwondo Headquarters, é uma organização que processa as certificações *Dan (faixa preta)* do Taekwondo. Além disso, a Kukkiwon realiza pesquisas e seminários de ensino através da World Taekwondo Academy, que treina e certifica instrutores e professores de Taekwondo. A Kukkiwon está localizada em Gangnam-gu, Seoul, Coreia do Sul. Foi constituída em 30 de novembro de 1972. Para mais informações acesse: <www.kukkiwon.or.kr>.

²Dados disponíveis em: <www.worldtaekwondo.com/history.htm>. Acesso em: 05/05/2018.

Mais adiante, as três tribos tornaram-se três reinos, os quais rivalizavam entre si pela hegemonia da península. Eram eles: Koguryo, Silla e Paekje, sendo que todos formaram um exército nacional com guerreiros treinados.

Silla foi um reino fundado em 57 a.C. na parte sudeste da Coreia e Koguryo fundada em 37 a.C., na parte norte da Coreia ao longo do rio Yalu. Ambas as tribos faziam grandes esforços para transformar os seus jovens em fortes guerreiros chamados *hwarang*³ e *sunbae*⁴, respectivamente, utilizando o Taekwondo como um dos elementos principais do treinamento físico.

A história coreana demonstra que personalidades militares encontravam-se entre os líderes nacionais dos três reinos, comprovando a tendência de respeito à hierarquia dominante. Como resultado, a juventude guerreira foi organizada em um corpo militar de elite, como *hwarangdo*⁵ em Silla e *chouisonin*⁶ em Koguryo, onde a aprovação no treinamento da arte marcial era um dos fundamentos da aprendizagem.

Um livro de arte marcial daquela época, chamado *muyedobontongji*, expressa que o Taekwondo (arte de luta com as mãos e pés) é a base das artes marciais, que permite o fortalecimento dos membros superiores e inferiores através do uso dos pés e mãos livremente, deixando o corpo adaptável a qualquer situação crítica (Duk-Moo; Je-Ga Park, 1789).

1.2 Graus de aprimoramento

A caminhada do praticante de Taekwondo é dividida inicialmente em *gubs* e em seguida em *dans*. Cada *gub* corresponde a uma faixa colorida, totalizando 10 *gubs* em ordem decrescente. Quanto menor o *gub*, maior será o seu desenvolvimento na humildade. Cada faixa colorida tem sua simbolização e significado.

Ao conquistar a faixa preta, cada *dan* corresponde a uma graduação, totalizando 10 *dans* em ordem crescente. Quanto maior o *dan*, maior será seu

³Significa os “Cavaleiros da Flor” em português.

⁴Significa aquela pessoa com maior nível de conhecimento sobre a arte marcial.

⁵Traduz-se como o “Caminho dos Cavaleiros da Flor”.

⁶Não foi encontrado pelos pesquisadores um significado literal desta palavra em coreano. Acreditamos que assim como *hwarangdo*, *chouisonin* faça referência ao local onde se praticava o Taekwondo.

desenvolvimento dos conhecimentos e aprimoramentos da arte marcial. A cor preta simboliza dignidade, dedicação, postura e liderança.

A sequência de cores pode haver alterações em algumas regiões. Dessa forma, o importante são os *gubs* para a determinação dos graus de desenvolvimento do praticante. Para se tornar um *jokonin*, ou instrutor, o aluno de Taekwondo precisa estar no quarto *gub* que, na sequência exposta a seguir, corresponde à faixa azul.

A sequência de cores tradicional é:

Quadro 1 - Sequência de faixas do Taekwondo (elaboração pessoal)

Faixa	Gub/Dan	Significado
Branca	10º gub	“Puro. Sem conhecimento.”
Branca ponta amarela	9º gub	“A semente cai sobre a terra.”
Amarela	8º gub	“A semente esta começando a ver a luz do céu.”
Amarela ponta verde	7º gub	“O sol esta começando a nascer.”
Verde	6º gub	“A árvore esta começando a se desenvolver e crescer com força.”
Verde ponta azul	5º gub	“Chegando à montanha. A árvore esta no meio do crescimento e agora o caminho torna-se íngreme.”
Azul	4º gub	“A árvore atinge o céu em direção à novas conquistas.”
Azul ponta vermelha	3º gub	“A árvore esta firmemente enraizada na terra.”
Vermelha	2º gub	“O sol esta se pondo. A primeira fase do crescimento esta terminada.”
Vermelha ponta preta	1º gub	“A aurora de um novo dia. O sol rompe através da escuridão.”
Preta	1º gub	“A árvore atingiu a maturidade e superou a escuridão. Agora a árvore deve plantar sementes para o futuro.”

1.3 Princípios da arte marcial

O principal objetivo⁷da arte marcial Taekwondo é eliminar a luta. Ela desencoraja a opressão do fraco pelo forte, com um poder que deve ser baseado no

⁷Deixamos a palavra “objetivo” e não a substituímos por “princípio”, pois o Taekwondo possui cinco princípios fundamentais. Desta forma, não caberia colocar como principal “princípio” a eliminação da luta, uma vez que a arte marcial se fundamenta a partir dos cinco princípios em conjunto (cortesia, integridade, perseverança, autocontrole e espírito indomável).

humanismo, justiça, moralidade, sabedoria e fé, ajudando assim a construir um mundo melhor e mais pacífico, sendo, inclusive, um dos juramentos da arte marcial (“Construir um mundo mais pacífico”).

O Taekwondo é uma arte que implica uma maneira de pensar e viver e, particularmente, procura generalizar o poder da justiça. Cada movimento é desenhado “cientificamente”⁸, com um propósito específico e um professor de qualidade, que domine as técnicas da arte marcial, para assim desenvolver no estudante⁹ a crença de que o sucesso é possível a qualquer um¹⁰. A constante repetição ensina a paciência e a resolução de transpor todos os obstáculos.

O tremendo poder gerado por um corpo desenvolve a autoconfiança para enfrentar qualquer adversário, em qualquer lugar e em qualquer situação. O combate ensina a humildade, coragem, vigilância e agudeza de espírito (ou “espírito indomável”, como em seus princípios), faculdade de adaptação e autocontrole. As posições próprias ensinam a flexibilidade, graça, equilíbrio e coordenação de movimentos, enquanto que os exercícios fundamentais ajudam a desenvolver a precisão e ensinam o método, princípios e objetivos. Eventualmente este treino permite tornar as ações conscientes em subconscientes por parte do estudante.

Sendo assim, os princípios do Taekwondo não são simples regras a serem obedecidas, mas irão presidir todas as atitudes do estudante (praticante) da arte marcial. A cada instante, na sua vida dentro e fora da academia, o estudante estará diante de pelo menos um desses cinco princípios básicos:

1. CORTESIA (Ye Ui)

Antigamente, as regras eram muito mais rígidas do que hoje, assim, por exemplo, seria considerada grave falta de respeito um aluno pisar na sombra de seu mestre. Leis como esta se estendiam também em relação entre os alunos mais ou menos graduados. Muitos costumes antigos se mantêm até hoje. Mas o essencial é o aluno entender cortesia como a combinação da modéstia, delicadeza e do humanismo que devem estar presentes em todos os lutadores de Taekwondo.

⁸ Aqui não se está a utilizar o termo ciência nos moldes ocidentais.

⁹ Utilizamos a palavra estudante, pois o Taekwondo é, para os devidos fins, um conhecimento a ser adquirido por meio do estudo e com a ajuda de um professor.

¹⁰ Mas sabemos que não é assim tão fácil.

2. INTEGRIDADE (Yom Chi)

Este princípio refere-se ao sentido de justiça e responsabilidade que cada lutador deve ter para consigo próprio e para com os outros. É importante que cada um conheça a si mesmo e as suas limitações.

3. PERSEVERANÇA (In Nae)

Este é o princípio da força de vontade e espírito de sacrifício indispensável a prática de todas as artes marciais.

4. AUTOCONTROLE (Guk Gi)

A falta de controle é o primeiro passo para a derrota. Seja qual for a situação, mantenha a calma e nunca se deixe levar pela raiva.

5. ESPÍRITO INDOMÁVEL (Baekjul Boolgool)

O praticante de Taekwondo deve mostrar-se corajoso em todas as circunstâncias, sem hesitações.

1.4 Juramento¹¹

Como toda arte marcial, o Taekwondo possui alguns juramentos para que o aluno respeite as regras dentro e fora do *dojan* (local delimitado onde se pratica o Taekwondo)¹², para que a luta não se transforme em briga (onde apenas o que importa é quem fere mais o outro e não quem tem mais técnica do que o outro), bem como numa tentativa de fazer com que o aluno reflita sobre si mesmo e sobre a sociedade, para que possa, de alguma forma, cuidar da sua própria vida e da dos demais que o rodeiam. São eles:

¹¹Não conseguimos encontrar a origem destes juramentos. Sabe-se que eles são derivados do antigo juramento dos guerreiros “hwarang” o qual era composto por: “Obediência ao rei; Respeito ao país; Lealdade para com os amigos, Nunca recuar diante do inimigo e só matar quando não tiver alternativa”. Não se sabe quem foi o criador (ou criadores) do juramento de competição, mas acreditamos que, a partir do momento que a arte marcial foi esportivizada, este juramento teve que ser criado para diferenciar quando estamos falando da arte marcial e quando estamos falando da modalidade esportiva de competição ocidental.

¹²O dojan é o tatame ocidental, em formato quadrado ou retangular, com uma área de luta delimitada centralmente e de cor diferente, formando um quadrado menor.

1. Juro respeitar meu país e suas leis;
2. Juro obedecer aos princípios do Taekwondo;
3. Juro usar para o bem tudo o que aprender;
4. Juro respeitar o meu instrutor e colegas;
5. Juro honrar meu nome e dos meus pais.

1.4.1 Juramento do aluno

1. Observar as regras do Taekwondo;
2. Respeitar o Instrutor e meus Superiores;
3. Nunca fazer mau uso do Taekwondo;
4. Construir um mundo mais pacífico;
5. Ser campeão da Liberdade e da Justiça.

1.4.2 Juramento de competição

1. Juro, respeitar meus adversários;
2. Juro, competir com lealdade;
3. Juro, respeitar os regulamentos da competição;
4. Juro, respeitar juízes e meus superiores.

2. O PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA

Agora que situamos o leitor nas bases do Taekwondo, centramos a discussão no programa no qual esta arte marcial (ou modalidade esportiva) está inserida. Partimos do entendimento do que são as políticas públicas, como e para que elas são criadas. Feito isso, abordamos o surgimento do programa no qual o Taekwondo faz parte neste estudo, seus objetivos, metas e como ambos se articulam.

As políticas públicas são constituídas, de forma geral, por programas, leis, decretos, que visam assegurar os direitos de todos os cidadãos, como discriminado na Constituição Federal (1988), seja por via do poder público, privado, e/ou ainda parcerias com Organizações Não Governamentais (ONGs).¹³ Além disso, essas ações muitas vezes surgem como uma tentativa de garantir principalmente os direitos de crianças e adolescentes, pois conforme o art. nº 4 do Estatuto da Criança e do Adolescente que diz:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p.),

a garantia destes direitos deve ser prioritária a estes indivíduos da população brasileira.

É por meio de políticas públicas que estes direitos conseguem ser assegurados, desde que haja um engajamento tanto do poder público como da sociedade como um todo, para cobrar a formulação e implantação de programas que alcancem estes

¹³Nos anos 1940, durante o governo de Getúlio Vargas, surgiram, no Brasil, as primeiras instituições e políticas de assistência social. Já as Organizações Não Governamentais (com essa denominação), começaram a ter elevado crescimento no Brasil a partir da década de 1980. Elas, primeiramente, foram vistas como “iniciativas de apoio a causas específicas, baseadas em trabalho voluntário e comprometidas com ideais de justiça e solidariedade” (Vergara; Ferreira, 2005, p.1). Apesar de muitas ONGs contarem com a participação de voluntários para a realização de suas atividades, muitas dessas organizações contam com mão de obra privada e ocupam hoje um grande espaço no cenário político, econômico e social do país, com algumas, inclusive, chegando a movimentar milhões de reais por mês (Vergara; Ferreira, 2005). Segundo Vergara e Ferreira (2005), algumas dessas grandes ONGs, estariam “atuando como instrumentos de dominação dos países ricos sobre as economias periféricas e agentes da expansão do neoliberalismo” (p.2), pois “organismos internacionais” (p. 4) também estariam impulsionando seu crescimento. Há ainda a questão de que diversas organizações utilizam-se dos recursos públicos oferecidos para fins privados, fato que vai contra o discurso das mesmas, como citado anteriormente. No Brasil, a legislação permite que qualquer pessoa funde uma ONG e não há uma regulamentação estabelecida para o funcionamento da organização e nem uma fiscalização para saber se o que está sendo oferecido, está sendo cumprido com os recursos públicos que são recebidos. Apesar disso, tanto o Governo quanto a sociedade legitimam a expansão das ONGs no Brasil e consolidam a sua existência.

objetivos. A avaliação dessas políticas públicas “deve ser orientada pela intencionalidade de apontar em que medida as políticas e programas sociais são capazes e estão conseguindo expandir direitos, reduzir a desigualdade social e propiciar a equidade” (BOSCHETTI, 2009, p. 4).

Com base no discurso neoliberal¹⁴ de implantação de um processo democratizador e transformador, a ser desenvolvido em parceria Estado/sociedade civil, alguns autores passaram a defender a noção de “terceiro setor”(ANDERSON, 1995). As ONGs e projetos sociais estão localizados no terceiro setor (Vergara; Ferreira, 2005), enquanto que no primeiro setor está o Estado (poder público) e no segundo o Mercado (poder privado). O terceiro setor, que se constitui por entidades privadas sem fins lucrativos, surge como possibilidade de superação da crise do Estado na oferta de bens e serviços sociais e de dar respostas imediatas às necessidades básicas da população (ANDERSON, 1995), pois “a lógica da desigualdade, da exclusão, está no centro do neoliberalismo” (VEIGA-NETO, 2002, p.46).

Logo, as políticas públicas neoliberais, irão contribuir para que o Estado se exima de responsabilidades nas áreas da educação, saúde e serviços sociais, reduzindo os direitos dos cidadãos (ANDERSON, 1995) às questões relativas ao direito de consumir¹⁵ e as de auto promover-se (BAUMAN, 2008). Como resultado, ampliou-se o abismo econômico entre as classes sociais. Hoje, evidencia-se cada vez mais a concentração de renda nas mãos de poucos e com isso, também concentra-se nos mesmos os benefícios decorrentes dos avanços das ciências e das tecnologias produzidas. Para a maioria da população resta a corrida em busca de melhores condições de vida.

Com a predominância de políticas públicas de cunho neoliberal, o Estado amplia seus planos assistenciais aos ricos, salvaguardando seus interesses, enquanto as

¹⁴O neoliberalismo é uma arte de governo, que estende a racionalidade do mercado dos domínios da economia para todo o corpo social, incluídos os campos não-econômicos. Ele funciona como princípio de inteligibilidade para definir as relações sociais e os comportamentos dos indivíduos (FOUCAULT, 2008). Idealizado pelos economistas da Escola de Chicago, nos anos 1930, como resposta às crises do Estado do bem estar social, ganhou forças em meio à crise econômica dos anos 1970, fortalecendo-se com as políticas ortodoxas de redução do gasto público de Margareth Thatcher e Ronald Reagan, respectivamente presidentes da Inglaterra e dos EUA. As premissas da *agenda política neoliberal de governo* giram em torno de princípios como a desregulamentação da economia, a mínima intervenção do Estado na esfera social, a privatização, a redução de impostos, o incentivo à competição e a obtenção de lucro (MORAES, 2002). Nessa arte de governo, o Estado atua de modo a garantir a proteção da propriedade, a produtividade e o lucro do setor privado.

¹⁵ Destaca-se técnicas de governo como a do estatuto do torcedor, direitos do consumidor, serviço de atendimento ao consumidor, ouvidoria etc. que tornam a ação de consumir mais relevante do que os serviços básicos como educação, segurança e segurança.

atividades estatais não lucrativas são direcionadas aos estratos sociais desprovidos de rendimento, aqueles que não podem gerar acúmulo de capital ao empreendedor (NUNES; NEIRA, 2014).

Nesse cenário, o Decreto nº 48.781, de 7 de julho de 2004, instituiu o Programa Escola da Família (PEF) para o desenvolvimento de uma cultura de paz no Estado de São Paulo. Seu objetivo é desenvolver e implementar ações de natureza preventiva destinadas a reduzir a vulnerabilidade infantil e juvenil e, com isso, a tentativa de garantir a coesão e o controle social. Utiliza para isso a integração de crianças e jovens, a fim de colaborar para a construção de atitudes e comportamentos compatíveis com uma trajetória saudável de vida (SÃO PAULO, 2004).

Esse objetivo do PEF de construção de uma trajetória saudável de vida, pode ser atrelado às considerações de César e Duarte (2009), que indicam que a escola mantém até os dias atuais a sua vocação de “produzir corpos saudáveis” (p. 128) e de controle social. O programa em seu próprio nome utiliza o termo “escola”.

A escola é uma grande máquina de governo das crianças e jovens, sendo um local que institucionaliza a disciplina de seus sujeitos. Utilizando referenciais foucaultianos, os autores ressaltam que o corpo é visto como capital humano e por isso deve ser saudável. “Ser esportivo, aparentar boa forma física, já quase não é mais uma opção, mas sim uma imposição social” (BRACHT, 1992 p.46). Atividades¹⁶de combate ao sedentarismo são desenvolvidas dentro do programa na escola analisada (incluindo aqui também o projeto objeto deste trabalho) e corroboram com essas afirmações.

A participação de crianças e jovens nestes tipos de programas causam uma falsa sensação de livre escolha. Eles acham que estão indo ali, naquele local, por livre e espontânea vontade. No entanto, não imaginam que aquele local e aquelas atividades são o que o Estado designou para elas muito antes deles saberem o que estava acontecendo. Sendo assim, a escolha por ter uma trajetória de vida saudável não é do próprio sujeito. A escolha de um corpo saudável não é livre. É o Estado que media a expansão desses discursos e incide nas identidades e, por conseguinte, nos corpos dos sujeitos (CÈSAR; DUARTE, 2009).

Desde agosto de 2003, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP), por meio do PEF, estimula as unidades estaduais públicas de ensino a abrirem

¹⁶Para mais informações veja tabela de Atividades do Eixo Saúde, no capítulo 3 deste trabalho.

seus espaços para a comunidade aos finais de semana. As atividades do PEF se organizam em torno de quatro eixos: cultura, esporte, saúde e trabalho. Para cada eixo de ação, um projeto específico é desenvolvido e tem suas metas, objetivos e planos de ação definidos por cada escola de acordo com os interesses e demandas locais (SÃO PAULO, 2004).

Todas as ações do PEF devem ser organizadas em projetos, que são o caminho entre a palavra e a ação do educador:

O projeto é a intenção que se concretiza no conjunto de atividades planejadas e inter-relacionadas, aliadas ao contexto para alcançar um objetivo específico (SÃO PAULO, 2004, p.142).

Através de parcerias com empresas e ONGs, da participação de voluntários¹⁷ e jovens educadores universitários bolsistas do Programa Bolsa Universidade¹⁸, e sob a responsabilidade de educadores encarregados pelo programa, muitos bairros conseguiram encontrar na escola, além de um espaço de educação, um espaço de lazer¹⁹, acesso a serviços públicos e experiência de convívio e solidariedade. Podemos ver que o PEF é uma política que surge numa tentativa de colaborar para bom funcionamento e harmonia da sociedade na qual esta inserido.

Para que o programa aconteça, a SEE-SP oferece, anualmente, recursos financeiros às escolas participantes e coloca um educador, seja um professor, profissional da rede, seja um vice-diretor, para coordenar as atividades dos finais de semana,

¹⁷Nunes e Neira (2014) discutiram a questão do voluntariado em seu trabalho, uma vez que estas ações acabam por transferir as funções do Estado aos indivíduos da sociedade civil e às empresas que se propõe a se envolver nestes programas. Os autores analisam ainda como os interesses pessoais estão ligados a essas ações voluntárias. Corroboram com isso a questão do Bolsa Universidade. A ação solidária aqui só é realizada, pois há uma contrapartida.

¹⁸O Bolsa Universidade é um convênio estabelecido entre o Governo do Estado de São Paulo e as Instituições de Ensino Superior, por meio da Secretaria de Educação. A Educação custeia 50% do valor da mensalidade do curso de graduação, até o limite de R\$ 500,00 (quinhentos reais), e o restante é assumido pelas Instituições de Ensino Superior. Como contrapartida, os bolsistas desenvolvem, aos finais de semana, em escolas estaduais ou municipais (dos municípios conveniados) do Estado de São Paulo, atividades compatíveis com a natureza de seu curso de graduação, e/ou de acordo com as suas habilidades pessoais. Exemplos: aula de violão (habilidade pessoal), curso de contabilidade básica (compatível com curso de graduação). Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/escoladafamilia>>. Acessado em: 09 de abril de 2018.

¹⁹O Lazer, segundo Jofre Dumazedier (1974), é “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (p 34).

supervisionados pelo diretor da unidade escolar. As escolas que aderem ao PEF estão também sob a coordenação, na sua região, do dirigente de ensino e sua equipe: um supervisor e um professor coordenador do núcleo pedagógico (SÃO PAULO, 2004).

No ano de sua implantação, a intenção da SEE-SP era incluir todas as escolas no PEF. De 2003 a 2005, 96% delas receberam a transferência de recursos destinados ao desenvolvimento das atividades. Entretanto, muitas escolas não implantaram o programa de fato, seja por falta de demanda da comunidade ou por dificuldades de execução (falta de voluntários e/ou bolsistas).

No final do ano de 2005, a SEE-SP abriu a possibilidade de os diretores das escolas optarem pela participação no programa. Assim, desde 2006 a entrada no programa é realizada a partir dos seguintes procedimentos:

- Observação de demanda efetiva da comunidade do entorno da escola;
- Inexistência de outros equipamentos públicos para a prática de atividades aos finais de semana nas proximidades da escola;
- Manifestação favorável da direção da unidade de ensino;
- Disponibilidade de vice-diretor de acordo com a Resolução SEE - SP nº 32 de 26/05/2011²⁰;
- Levantamento do perfil da comunidade a ser atendida para o planejamento das atividades;
- Manifestação do Conselho da Escola referendando a abertura;
- Situação da APM regularizada para recebimento de recursos conforme legislação em vigor. (SEE-SP, 2017)

Do mesmo modo, procedimentos rigorosos, descritos abaixo, devem ser seguidos para a exclusão de uma escola do programa, para que os estudantes e a comunidade não sejam prejudicadas:

- Ofício do Diretor da unidade escolar à Diretoria de Ensino solicitando a exclusão do Programa com as respectivas justificativas;
- Manifestação favorável, registrada em ata, do Conselho Escolar;
- Ouvir representantes da comunidade e da equipe escolar;

²⁰ Dispõe sobre a atuação e a movimentação dos integrantes do Quadro de Apoio Escolar – QAE, e do Quadro da Secretaria da Educação – QSE, das unidades escolares da rede estadual de ensino. Disponível em: < <http://www.educacao.sp.gov.br/lise/sislegis/detresol.asp?strAto=201105260032>> Acesso em: 20 out. 2017.

- Comprovar a baixa frequência da comunidade aos finais de semana;
- Comprovar a dificuldade de recrutar recursos humanos;
- Ter plano de transferência dos bolsistas, educadores universitários;
- A Diretoria Regional de Ensino deverá encaminhar à Coordenação Geral do Programa Escola da Família um pedido justificado de fechamento daquela unidade escolar, aos finais de semana, anexando os documentos anteriormente citados;
- A Diretoria de Ensino daquela região deverá orientar a unidade escolar para que dê ciência à comunidade do entorno sobre o fechamento do Programa Escola da Família e oferecer outra unidade, aberta aos finais de semana, como alternativa, se for o caso. (SEE-SP, 2017)

Segundo balanço realizado pela SEE-SP, entre agosto de 2003 e julho de 2016, o PEF atendeu 17.720 mil educadores universitários (média anual), teve 838 milhões de participações registradas no programa (valor acumulado), 2.276 mil educadores presentes nas escolas aos finais de semana (média anual), 17.976 mil voluntários cadastrados no programa (média anual) e um total de 41.8 milhões de atividades realizadas nestes últimos anos (acumulado).

O programa atua em mais de 2.000 unidades escolares em todo o Estado de São Paulo, principalmente em escolas que ficam em áreas socialmente vulneráveis. Em muitas dessas áreas, a escola é o único local público disponível para a comunidade, centralizando atividades culturais e esportivas. Esse programa também procura envolver os pais dos alunos nas atividades, promovendo a valorização da educação e da escola e estimulando a parceria entre comunidade e escola (SÃO PAULO, 2004).

O PEF atende 32 escolas públicas estaduais no município de Sumaré, interior do estado de São Paulo. Desde o ano de 2004, o PEF está presente em uma dessas escolas do município, onde o projeto de ensino do Taekwondo foi implantado no ano de 2017. Nesta escola, são desenvolvidos um total de 34 projetos, abrangendo os quatros eixos fundamentais do programa.

2.1 O PEF e o Taekwondo neste estudo: como se articulam?

Já discutimos anteriormente a origem da arte marcial. Não deixaremos de lado tudo que foi dito, mas necessitamos entender a esportivização do Taekwondo no Brasil, para vermos as ligações entre programa social e esporte em si.

Como esporte, o Taekwondo foi criado pelo General Choi Hong Hi ao final da Guerra da Coreia²¹, em 1953, para que pudesse ser ensinado aos membros das forças armadas do país. A prática não serviria apenas para preparar os soldados para a luta corpo a corpo, mas, também, para desenvolver a autoconfiança, o patriotismo e a cidadania nos soldados (NEGRÃO, 2012), abalados pela guerra.

No Brasil, o Taekwondo foi introduzido em 1970 pelo Grão Mestre Sang Ming Cho, por ordem do General Choi. Primeiramente, ele foi iniciado na cidade de São Paulo, onde foi criada a primeira academia de Taekwondo do Brasil, a Academia Liberdade (NEGRÃO, 2012).

O Taekwondo, rapidamente, se tornou muito popular no país nos anos seguintes. Em 1988 e 1992 esteve presente como modalidade de demonstração nas Olimpíadas de Seul e Barcelona. No ano de 2000, fez sua primeira presença na Olimpíada de Sidney como modalidade oficial e continua presente nos Jogos até os dias de hoje.

Sua presença nas escolas é justificada por aspectos funcionais, decorrentes dos diversos benefícios da sua prática regular, apontados por estudos da área da saúde e da psicologia (NEGRÃO, 2012). Pode-se dizer que estes aportes teóricos indicam o desenvolvimento de todas as qualidades físicas e psicológicas, o aumento da capacidade de concentração, da energia para a realização de tarefas, da segurança para expressar-se. No aspecto cultural, sua presença é uma forma de reconhecimento e valorização tanto da cultura coreana como de seus representantes (NEGRÃO, 2012).

Segundo PÉREZ-GUTIÉRREZ (2014, p. 104), o Taekwondo e

el deporte en general se ha convertido en un fenómeno cultural de masas que es apreciado por desempeñar un papel importante a nivel educativo y cultural, pero sobre todo por ser un aspecto clave para la calidad de vida de las personas.

²¹Após a Segunda Grande Guerra, a Coreia, que era um único país à época dominado pelo Japão, dividiu-se em duas a partir das condições de rendição japonesa tratada por soviéticos e estadunidenses. Travada entre 25 de junho de 1950 a 27 de julho de 1953, a Guerra da Coreia foi o primeiro conflito bélico decorrente da Guerra Fria, opondo a Coreia do Sul e seus aliados, que incluíam os Estados Unidos e o Reino Unido, à Coreia do Norte, apoiada pela República Popular da China e pela antiga União Soviética, que tentara ampliar seu território. O resultado foi a manutenção da divisão da península da Coreia em dois países.

Devido a isso, existem diversas academias, ONGs e projetos sociais que visam ensinar a prática e os princípios do Taekwondo para diversas pessoas, principalmente crianças e jovens em situações de risco social. Muito provavelmente, eles não teriam condições de praticar um esporte sem a ajuda desses programas e projetos sociais. Este é o caso do projeto inserido no PEF.

2.2 Os Estudos Culturais

Apresentamos a história do Taekwondo, as políticas públicas, o PEF que esta inserido nessas políticas e como estes se ligam. Agora passemos para a parte na qual este trabalho busca os alicerces para a sua problematização: o campo do Estudos Culturais.

A cultura é um modo de vida de um grupo social onde são realizadas práticas que produzem significados e, este modo de vida é definido pela sua estruturação entre os sujeitos. Existem no mundo diversas culturas e são elas que definem nossas identidades ou melhor dizendo, são através dos marcadores identitários presentes que os grupos se identificam.

Hall (1997) diz que devido ao processo de globalização, há em andamento uma espécie de tentativa de homogeneização cultural, onde aspectos culturais semelhantes são percebidos em diferentes nações. Cultura e globalização (que também pode ser considerada uma forma de imposição cultural) contribuem para o processo de regulação, constituindo normas e sistemas classificatórios. Elas contribuem para o processo de migração, construindo, juntas, novas identidades e, em consequência, novas diferenças entre os povos.

O autor questiona e propõe uma centralidade da cultura para a análise das questões que promovem as relações sociais em nosso tempo, superando a centralidade dada ao sujeito, na modernidade. Ele caracteriza a centralidade mediante aspectos substantivos e epistemológicos para questionar o lugar da cultura, sendo o primeiro “o lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular” (p. 1) enquanto o segundo “a posição da cultura em relação às questões de conhecimento e conceitualização, em como a ‘cultura’ é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo” (p. 1). O que se percebe nessas análises é, ao

mesmo tempo, a diluição das fronteiras existentes entre os grupos, promovidas pelas diversas formas de trânsito social e as tentativas de acirramento dessas fronteiras, fomentadas por ações conservadoras e fundamentalistas.

Pelos aspectos substantivos, nossas identidades culturais seriam de escolha pessoais, mas também sujeitadas às normas e ações presentes em certa cultura de determinado lugar. Já pelos aspectos epistemológicos, é a partir da linguagem que nossas identidades são formadas, pois é a linguagem que define o significado das coisas. O momento em que essas questões ganham forças para a análise das sociedades contemporânea denomina-se virada cultural.

Os Estudos Culturais (EC) decorrem das grandes mudanças econômicas, geopolíticas e tecnológicas que estão acontecendo em todo o mundo nos últimos anos, que conclamam por novas explicações a respeito dos fenômenos produzidos pelos humanos. Estão associados ao estudo da cultura e examinam como a vida dos indivíduos é regulada por estruturas que são passadas de geração em geração e entre elas, historicamente. O campo de interesse dos EC gira em torno da cultura popular. Investigam as diversas zonas de conflito entre os grupos que por ela transitam e por ela são atravessados, preocupando-se sempre com a questão das relações de poder entre os sujeitos, isto é sobre as formas de condução das condutas entre os sujeitos e pelo sujeito em si. Por serem interdisciplinares, nos quais diferentes disciplinas interatuam e, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade, os EC contribuem para as análises dos processos de regulação²² e modos de subjetivação²³, podendo assim agir em favor destes grupos desprivilegiados e estão intrinsecamente relacionados às relações de poder²⁴

²²O corpo é um organismo e sobre ele são aplicados dispositivos disciplinares. O processo de regulação ocorre por meio de três forças: o Estado, o mercado e a comunidade. Foucault por meio da noção de biopolítica explica que, através do Estado, se faz a gestão do corpo e da vida humana (CÈSAR; DUARTE, 2009). Sendo assim, entendemos que o processo de regulação aqui acontece para normalizar a conduta humana através dos poderes normalizadores sobre os corpos individuais.

²³Os modos subjetivação fazem referência ao modo com o sujeito percebe a si mesmo na relação sujeito-objeto ou melhor: é um processo de constituição do sujeito onde criam as relações com tudo o que convivemos. Essa relação sujeito-objeto se estabelece no que Foucault diz, ao longo de sua obra, ser os regimes de verdade, que estão ligados às relações de poder. Para Foucault, o corpo, as relações de poder e as formas de subjetivação caminham sempre juntos.

²⁴As relações de poder são flutuantes e não estão numa instituição e nem em ninguém. Elas só existem, pois somos humanos e, a partir das relações entre as pessoas, o poder pode ser exercido entre os indivíduos e ser legitimado. Foucault estudou o poder não para criar uma teoria de poder, mas para identificar como esse poder é exercido entre os sujeitos. Para ele “só existe o poder que se exerce por uns sobre os outros; o poder só existe no ato, mesmo se ele se inscreve num campo de possibilidades em desordem que se apoiam em estruturas permanentes” (FOUCAULT, 1984, p. 314). Ainda segundo o filósofo, “[O poder] É um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera sobre o campo de possibilidades aonde se vêm inscrever o

(FROW; MORRIS, 2006), uma vez que há lutas dentro das culturas pelo controle das práticas culturais estabelecidas dentro de determinada sociedade. Os EC partem do pressuposto de que não há apenas uma só realidade e,

em lugar de isolar para um estudo um único texto, “autor”, formato de programa, uma única indústria, ou tecnologia, os estudos culturais tendem a enfatizar as questões ou os problemas em circulação entre vários meios de comunicação e outros espaços e outras épocas da vida social (FROW; MORRIS, 2006, p. 322).

Eles se preocupam com as diversas formas de organização cultural, com as fronteiras e limites impostos e com a pouca nitidez da marcação destas fronteiras, pois são os grupos privilegiados que as demarcam numa tentativa de governo dos sujeitos. Consideram ainda que a grande culpada pelas desigualdades entre os grupos seja a sociedade capitalista (HALL, 1997; FROW; MORRIS, 2006). No Brasil, os EC entraram a partir da década de 1990 (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015) e, desde então, vêm se expandindo pelo país.

Sendo assim, pelo Taekwondo ter sua origem numa sociedade oriental, buscamos analisar através dos EC quais seus impactos na produção das identidades dos sujeitos numa sociedade ocidental. É a partir dos EC que as questões de identidade e diferença na Educação começaram a crescer e a serem discutidas em diversos âmbitos. Neira e Nunes (2009) dizem que os EC “contribuem decisivamente para que grupos e sujeitos que vivem em situação de opressão identifiquem e resistam às relações de poder assimétricas” (p. 117).

A identidade e a diferença são formadas culturalmente e são dependentes uma da outra. A identidade é compreendida a partir daquilo que é e é entendida como uma propriedade comum que diferencia um grupo. As identidades só existem porque existem as diferenças. Podemos considerar a diferença como algo que é produzido no momento em que se cria a identidade, e esta se torna a referência (SILVA, 2000).

Toda afirmação parte de uma grande cadeia de negações. A todo o momento a negação está presente no processo de produção de identidade e marcação da diferença.

comportamento dos sujeitos atuantes: ele incita, ele induz, ele contorna, ele facilita ou torna mais difícil, ele alarga ou limita, ele torna mais ou menos provável; no limite ele constringe ou impede completamente; mas ele é sempre uma maneira de agir sobre um ou sobre sujeitos atuantes, enquanto eles agem ou são susceptíveis de agir. Uma ação sobre ações” (p. 314).

Negação essa que necessita dizer o que as coisas são. Por exemplo, um lápis é só um lápis por não ser uma borracha e vice-versa. Mas ele é só um lápis e não uma borracha porque nós assumimos o que ele não é em primeiro lugar.

É importante colocar que tanto a identidade quanto a diferença não são determinadas definitivamente pelo sistema discursivo simbólico que as produz e as define. Os significados não são fixos. As definições de identidade e diferença são disputadas através das relações de poder mencionadas anteriormente, onde afirmar identidades significa estabelecer fronteiras; estabelecer o que esta dentro e o que esta fora e, são os limites dessas fronteiras que se transformam nas identidades (SILVA, 2000), deixando para fora deles tudo aquilo que não se quer, que incomoda, que abala: a diferença.

O processo de regulação constrói novos sistemas de classificação e classificar implica em estabelecer relações hierárquicas de poder (HALL, 1997). Normalizar faz parte de um processo de fixação da identidade e reforça as relações de poder. A normalização e a naturalização dos significados fixam identidades que permitem a inferiorização de determinados grupos sociais. A identidade aqui é vista como campo de disputa entre os grupos, onde quem tem mais força para exercer poder diz qual é a norma.

Desta forma, podemos dizer que a identidade é transformada no “normal” (na norma, aquilo que usualmente é posto como verdadeiro), enquanto a diferença se torna o “anormal” (podemos dizer que seria a negação daquilo que se diz verdadeiro) sendo o poder a base de tudo. Elas são formadas a partir da linguagem, pois é a partir dela que ocorrem os sistemas de significação uma vez que ela é compreendida como um instrumento que institui a realidade. No sistema de significação, as coisas não são nada até que se dê um significado à elas. A linguagem atribui, a partir das relações dentro do convívio social, o significado das coisas. Sem isso, não é possível haver identidade e muito menos a diferença (SILVA, 2000). Como bem mostrou Foucault ao longo de seus escritos, uma sociedade se explica pela produção de suas diferenças internas.

É, na representação, que os significados são carregados e é ela quem produz o efeito de verdade posto pelo sistema de significação das coisas. É na representação que a identidade é posta como verdadeira e é marcada a diferença enquanto problema. Esse processo indica que a identidade esta sempre em perigo, pois depende sempre do que ela não é para afirmar-se. O processo se complexifica, pois, por depender do que ela não é, a

identidade não pode se afirmar, pois nenhuma coisa é em si. “Afinal, o que há é apenas diferença; e a diferença sempre se dá como pura diferença” (LOPES; VEIGA-NETO, 2011, p.04).

Sendo assim, o PEF com seus objetivos e propostas, tenta colocar todos os participantes do programa numa mesma identidade (jovens em situação de vulnerabilidade social) para que sigam uma mesma trajetória (podemos fazer referência à trajetória saudável de vida e moral indicadas em seus objetivos) e não escapem para outros territórios (o “mundo” do crime, por exemplo). Nesse caso, o risco social e todas as práticas discursivas e não discursivas que o produz são a diferença que perturba a identidade projetada. O Taekwondo, com seus princípios e juramentos, com sua hierarquia em relação às suas graduações de faixas, também já define o tipo de sujeito (e sua identidade) que ele quer construir dentro de sua cultura. O aluno precisa ter uma determinada postura e seguir um número específico de “regras”²⁵ para se “encaixar” no território da arte marcial.

Assim sendo, crianças e jovens que assumem a posição de sujeito desejada pela articulação entre políticas públicas de coesão social, esporte e Taekwondo se inserem na representação legitimada e marcam seus corpos com a identidade reconhecida socialmente. Aos demais, os que não assumirem a identidade desejada, restará conviver ou escapar das tentativas perenes de sua captura, que implica, ao fim e ao cabo, a exclusão da presença de sua ameaça. Como prática que subjetiva seus sujeitos dentro de uma cultura marcada pelo respeito à hierarquia e à ordem, o Taekwondo se torna uma ferramenta de governo do Estado sobre os sujeitos, que são vistos como potenciais ameaças à coesão social.

²⁵Que são os princípios e juramentos já apresentados.

3. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESCOLHIDA

A escola analisada neste trabalho participa do programa há 14 anos e, no período no qual a pesquisa estava sendo realizada, contava com dois estudantes bolsistas universitários participando do programa. Eles eram responsáveis pela organização das atividades que envolvem jogos e manutenção da ordem no interior da escola.

A escola ocupa um terreno grande em um dos bairros da periferia da cidade de Sumaré, possui uma quadra poliesportiva coberta que pode ser usada por qualquer pessoa sem a necessidade de marcar horário, nas quais são desenvolvidas a maioria das atividades esportivas. Possui ainda um pátio no qual funciona a cantina escolar durante a semana e, aos finais de semana, é utilizado para realizar as atividades de lutas e danças e também onde o diretor disponibiliza os jogos de tabuleiro e alguns jogos de mesa, como o tênis de mesa e o pebolim, os quais ficam sob responsabilidade dos bolsistas. Há também um pátio externo, o qual muitas crianças e jovens o utilizam para andar de bicicleta, skate ou apenas socializarem-se.

Os demais projetos presentes na escola são realizados por voluntários. Eles desenvolvem suas atividades em horários determinados pelo diretor da escola, para que não haja conflitos entre as partes. Desta forma, afirma-se discursos sobre abertura da oportunidade de participação à todas as crianças, jovens e a comunidade em geral que queiram participar das atividades em diversos horários diferentes.

Todos os projetos do eixo Esporte que são das modalidades de lutas e danças são realizados por voluntários²⁶. Os projetos que envolvem outras modalidades esportivas são realizados pelas próprias pessoas que frequentam a escola, como no caso do Futsal e do Vôlei. Nesses, apenas é necessário solicitar os materiais para o diretor e verificar se as quadras estão disponíveis.

O diretor sempre esteve presente na escola durante as observações. Ele é responsável por abrir a escola, informar aos voluntários e estudantes do Bolsa Universidade quando a escola irá abrir ou não. Ele também faz os balanços de atendimento e dos recursos utilizados para a manutenção da escola à Secretaria de Educação da cidade de Sumaré, disponibiliza os materiais e jogos da escola para as

²⁶Segundo informações da própria direção da escola.

crianças e jovens que os peçam. Além disso, figura como a autoridade máxima da escola, uma vez que é responsável pelo funcionamento do programa na escola²⁷.

Os projetos desenvolvidos na escola estadual observada seguem conforme o quadro abaixo:

QUADRO 2 - Atividades Presentes na Escola

Eixo Cultura	Eixo Esporte	Eixo Saúde	Eixo Trabalho
Ação Solidária e Cidadania	Corde	Ações que previnem	Curso de Alfabetização
Cantinho da Leitura	Dama	Agita Família	Projeto Ho! Ho!
Cinema na Escola da Família	Futsal Masculino	Alongamento	
Colagem	Ginástica	Combate à Dengue / Mosquito <i>Aedes aegypti</i>	
Comemoração de Datas Festivas	Kung-Fu	Manicure e Pedicure	
Dança - Ampliação dos horizontes culturais	Muay Thai	Mutirão de Limpeza	
Música	Pebolim	Oficina de Beleza	
Oficina Musical	Peteca		
Organização de Materiais	Queimada		
Reciclagem de Sucatas	Recreação Infantil		
Vídeo-game	Tae-Kwon-Do		
	Tênis de Mesa		
	Voleibol		
	Xadrez		

Fonte: <http://www.educacao.sp.gov.br/escoladafamilia/escolas/perto-de-voce>. Acessado em: 09 de abril de 2018.

²⁷Idem anterior.

4. METODOLOGIA

Sendo o objetivo central do nosso estudo identificar os efeitos da articulação do PEF com a prática do Taekwondo na vida dos alunos de uma escola estadual²⁸ da cidade de Sumaré, a metodologia de pesquisa foi baseada na etnografia e história de vida, produzida por meio da entrevista narrativa (ANGROSINO, 2009; FLICK, 2009).

A entrevista narrativa foi escolhida para ser utilizada neste trabalho, pois como diz Muylaert *et al* (2014, p. 194),

[...] a narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles

Ainda “há nas entrevistas narrativas uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes” (MUYLAERT *et al*, 2014, p. 193).

As observações não-participantes (que em alguns momentos se tornaram, sem querer, participantes) também foram escolhidas, pois “envolvem praticamente todos os sentidos – visão, audição, percepção, olfato” (FLICK, 2009, p. 204) e contribuem significativamente para a produção final dos dados.

4.1 Sujeitos da pesquisa

Para a produção de dados foram feitas entrevistas narrativas com os alunos da escola e participantes do projeto e com o professor que ministrava as aulas, as quais foram gravadas em aparelho celular e posteriormente transcritas integralmente para que a análise das respectivas narrativas dos sujeitos participantes fosse realizada. A entrevista foi transcrita para uma tabela, a qual na coluna esquerda foram acondicionadas as

²⁸ O nome da escola, dos alunos e do professor de Taekwondo foram omitidos por motivos éticos.

perguntas e questionamentos dos pesquisadores e na coluna direita as respostas dos sujeitos entrevistados. Além disso, foram feitas anotações em diário de campo próprio²⁹, para posterior análise das observações feitas pela pesquisadora (ANGROSINO, 2009). Os dados produzidos tanto nas entrevistas como no registro escrito das observações ficarão acondicionados por 5 anos em memória digital no laboratório do Grupo de Pesquisa Margem – FEF/Unicamp. Os mesmos não servirão para outra pesquisa. As entrevistas receberam parecer favorável à sua realização por parte do Comitê de Ética e Pesquisa da Unicamp, sob o N° 69383817.0000.5404.

Para a realização das entrevistas, contamos com a ajuda do professor de Taekwondo no contato com alguns alunos. O projeto foi cancelado inesperadamente no mês de Novembro de 2017, após a escola permanecer fechada durante um longo período aos finais de semana. Sendo assim, muitos alunos se dispersaram e perdemos o contato com eles, não sendo mais encontrados. Desta forma, o professor passou o número de telefone dos alunos que ele ainda tinha um contato maior, por estarem há muito tempo no projeto, para que pudéssemos realizar as entrevistas.

Os critérios de inclusão dos colaboradores da pesquisa foram alunos de ambos os sexos que participaram regularmente desde o início do projeto. Os critérios de exclusão foram alunos que não participaram regularmente das aulas e os recém-egressos nas aulas.

Durante as observações, a média de alunos presentes nas aulas de Taekwondo girava ao redor de 10 alunos. Apesar disso, conseguimos apenas quatro contatos telefônicos de alunos (três do sexo masculino e um do feminino). Conseguimos contato positivo para a realização entrevista de três deles. Um dos pais não quis dar autorização para a entrevista e um outro aluno que deu resposta positiva para a entrevista parou de responder as mensagens e ligações da pesquisadora inesperadamente. Sendo assim, apenas dois alunos contribuíram para a produção dos dados, sendo um do sexo feminino e um do sexo masculino.

4.2 A produção das observações e entrevistas

Inicialmente, a intenção da pesquisa era a observação das aulas durante dois meses (agosto e setembro de 2017), o que acarretaria mais ou menos em oito visitas à

²⁹ Foram produzidos três diários de campo.

escola e produção de diários de campo. Infelizmente, só foram realizadas três visitas aos treinos na escola. Por diversas vezes fomos avisados de que não ocorreriam treinos por compromissos particulares do professor ou devido à escola estar fechada no final de semana sendo, este último, o grande motivo do número baixo de visitas. Para que não ocorressem desencontros, sempre pedimos ao professor que avisasse quando não ocorreriam os treinos.

Durante as observações dos treinos, algumas interferências eram feitas pela pesquisadora como, por exemplo, quando o professor de Taekwondo, que não tem formação em Educação Física, pedia para que se explicasse como deveria ser feito um exercício físico (abdominal, por exemplo) da maneira correta, uma vez que muitos dos jovens tinham pouca consciência de seus corpos e faziam diversos movimentos que poderiam vir a prejudicá-los futuramente.

As entrevistas foram agendadas conforme escolha de dia e horário dos alunos e seus pais e/ou responsáveis, para que estes estivessem presentes para assinar o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início das entrevistas.

Todas as entrevistas foram realizadas nas residências dos alunos, uma vez que o local também foi de escolha dos alunos e de seus pais e/ou responsáveis. Também foi realizada entrevista com o professor do projeto. Assim como nas entrevistas dos alunos, a escolha do melhor dia, horário e local para a entrevista foi feita pelo entrevistado.

4.3 Protocolo das entrevistas

A entrevista narrativa foi aberta sem questionário estruturado. Foi utilizado vocabulário pertinente para cada entrevistado, pois é importante o “entrevistador utilizar apenas a linguagem que o informante emprega sem impor qualquer outra forma, já que o método pressupõe que a perspectiva do informante se revela melhor ao usar sua linguagem espontânea” (MUYLAERT *et al*, 2014, p.195).

A pergunta proposta inicialmente para todos foi “Conte um pouco sobre você, sua idade, o que faz atualmente”. Posteriormente, foi indagado como a prática do Taekwondo surgiu na vida dos entrevistados. A partir desses direcionamentos e, utilizando algumas questões chave para o objetivo deste trabalho, a entrevista foi conduzida até o seu final.

Durante as entrevistas, foi também analisado o tom de voz dos entrevistados. As pausas que eles faziam para pensar nas respostas, mudanças na entonação da fala, o silêncio que em alguns momentos se fazia presente e que são fundamentais para se entender o não dito, pois “no processo de análise de narrativas explora-se não apenas o que é dito, mas também como é dito.” (MUYLAERT *et al*, 2014, p. 195).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao iniciar a produção dos resultados, faz-se necessário caracterizar um dos indivíduos centrais do trabalho: o professor de Taekwondo. Ele, na época da entrevista, era um jovem de 26 anos e faixa preta na arte marcial. Durante o tempo no qual estava trabalhando em uma escola estadual como professor substituto, decidiu pedir a direção da escola tempo e espaço para ensinar a modalidade que praticava para as crianças e adolescentes aos quais lecionava, numa tentativa de melhorar alguns aspectos da vida destes jovens.

Era uma época que eu tava começando a trabalhar com educação, tava dando aula de substituição no Estado, e vendo a carência que os alunos tinham, por tudo, não só por conteúdo, mas por qualquer coisa que atendesse a eles e a ferramenta que eu encontrei, onde eu me encontrei, eu achei que podia servir de porto seguro pra mais alguém, de algum tipo de alavancagem pra outras pessoas também, porque tinha me feito bem, e feito bem para vários outros colegas, então, talvez, apresentando isso pra algumas pessoas talvez fosse impactar na vida desses adolescentes positivamente (Professor de Taekwondo, 2017).

O fato de ver a “carência que os alunos tinham” denota que o professor parte do pressuposto de que praticamente todos os alunos daquela escola viviam em situação de risco social e não tinham oportunidade de praticar outras vivências, esportivas ou não, fora do ambiente escolar. Com um discurso salvacionista, ele pressupõe que o Taekwondo seria uma boa ferramenta para a resolução dos diversos problemas que aquelas crianças e jovens poderiam estar passando; a arte marcial seria um lugar que se transformaria em um “porto seguro” assim como foi para o professor e seus colegas, através do aprendizado de suas técnicas.

Bracht (1992) diz que a escola é um local de transmissão de saber social e, o professor de Taekwondo neste caso, vê o ensino da modalidade como uma transmissão de saberes para que seja possível uma “alavancagem” desses alunos dentro da sociedade. O discurso que se faz aqui é o de que com os conhecimentos adquiridos através da prática do Taekwondo, haveria uma ampliação daqueles saberes que os jovens em situação de vulnerabilidade social possuem. Ao invés de apenas conhecerem os aspectos culturais e sociais dos territórios vulneráveis e “perigosos” onde vivem, as crianças e jovens abririam

um leque de possibilidades a partir do conhecimento e participação em um novo ambiente, em uma nova cultura.

Como todos os projetos do PEF, o Taekwondo nessa escola teve que passar por uma espécie de seleção para estar apto a ser desenvolvido na escola. É fato que as artes marciais são vistas por muitos como uma ferramenta de disciplina, principalmente para crianças e jovens “problemáticos”, pois os jovens são associados a futuros problemas caso não sejam “bem encaminhados” e por isso necessitam de “ações focadas na preparação para uma vida adulta socialmente ajustada e produtiva” (NOGUEIRA, 2011, p. 108). Além disso, o esporte em geral é visto como um mecanismo de mobilidade social na nossa sociedade capitalista que, por necessitar de um engajamento dos alunos na sua prática, oferece a oportunidade para a aprendizagem de diferentes papéis sociais (BRACHT, 1992). Possivelmente no futuro isso possa vir impactar positivamente na vida dos alunos, como o próprio professor relata em seu discurso.

O esporte no ambiente escolar possui uma função moralista (BRACHT, 1992). O autor diz que ele possui essa função,

porque é uma atividade que ajuda a suportar a disciplina e as imposições obrigatórias da vida social, pela ocupação do seu tempo livre em atividades equilibradas, socialmente aceitas e moralmente corretas (enquanto a criança pratica o esporte está ocupada com uma atividade socialmente aceita e não pensa em ‘bobagens’) (p.45).

Ou seja, mesmo em seu tempo “livre” as crianças, principalmente as que vivem em situação de vulnerabilidade social, tem de estar ocupada. O ócio aqui é visto como algo ruim e que poderia fazer com que essa criança se desviasse do caminho que a sociedade diz ser “correto”. Já o esporte, seria um antídoto para o ócio que levaria o jovem para longe da criminalidade (NOGUEIRA, 2011).

Por “ter feito bem” ao professor, ele decidiu passar os conhecimentos que adquiriu com a modalidade esportiva à frente, para os alunos da escola. Projetos sociais como o observado neste trabalho, muitas vezes surgem devido a esses pensamentos de que “se me fez bem, talvez faça bem para outras pessoas também”. O problema é que nem sempre “faz bem” ou se atingem os objetivos esperados. Assim, por não atingirem todas as expectativas postas na mesa, muitos desses projetos acabam e impactam negativamente na vida dos jovens que são atendidos por eles. Pode ser gerada aí uma

sensação de abandono. Por outro lado, os discursos engendrados reforçam e por isso produz para o esporte a identidade de elemento que impede ou corrige a possibilidade do praticante não ser seduzido por hábitos não saudáveis, imorais. Ou seja, reforça-se o valor moral atribuído ao esporte.

O início do professor na modalidade surgiu devido a um processo sucessivo de falhas em outros esportes, como ele mesmo observa:

porque eu já tinha falhado em futebol de campo, futebol de quadra, vôlei, handebol, até badminton e como não deu em nenhuma outra eu quis experimentar uma arte marcial que era uma, um tipo de esporte que eu não pensava em praticar (Professor de Taekwondo, 2017).

Como indica Nunes (2006), o fracasso no esporte produz no sujeito a identidade negativa, visto que não se dar bem na prática demonstra que o indivíduo não serve para uma sociedade que valoriza a eficiência e o rendimento. Ainda segundo o autor, esse jogo produz a fragmentação da identidade dentro do mesmo regime de verdade que se atribui aos benefícios proporcionados pelo esporte: ao mesmo tempo em que ele assume a identidade de ineficiente, ele assume a da perseverante. Afinal, o enunciado corrente é de que você não pode desistir nunca e tem que procurar o que sabe fazer melhor. Dessa forma, “até badminton” (uma modalidade originada na Índia e adotada na Inglaterra) foi experimentado pelo professor para tentar encontrar o que ele sabia fazer melhor e não assumir a identidade de fracassado no esporte. Sua persistência na modalidade foi uma tentativa de mostrar para si mesmo e para os outros, principalmente para os seus professores, que ele era capaz de se tornar um bom taekwondista, um bom lutador. Depois de tentar diversos esportes e “falhar” essa seria sua chance de “vencer”. Confirmamos isso a partir de sua fala,

Foi uma questão de ego, ego mesmo. Porque dentre todos os esportes que eu tentei praticar, todos coletivos, a maior parte deles coletivo e exigia instrumentos para a participação ou trabalhar na coletividade e eu não tinha um desempenho muito bacana e as equipes não me recebiam muito bem, não tinham uma formação adequada e quando eu fui para o Taekwondo, os professores olharam pra minha cara e falaram: *Ok, esse não volta mais*, porque eu tinha muita cara de almofadinha e o treino era muito puxado e eu insisti só pra mostrar que dava, que eu ia conseguir. Então, por isso eu persisti no esporte, acabei pegando bastante afeição e segui (Professor de Taekwondo, 2017).

Os esportes coletivos nos quais ele tentou participar tinham uma característica, uma identidade, que não era compatível com a do professor. Ele estava num território que não era o dele e por isso as equipes não o “recebiam muito bem” e para ele “não tinham uma formação adequada” para lidar com alunos como ele, que eram diferentes. Talvez ele hoje, após as suas graduações no Taekwondo, se veja como um professor adequado por ter uma formação na arte marcial e, dessa forma, se considere com a formação adequada que era necessária para àqueles dos esportes coletivos.

Podemos ver aqui uma identidade deste professor. Ele seria um “guerreiro” que conseguiu, apesar de todos os problemas “prosperar” na arte marcial. E, por ter conseguido isso, ele queria que seus alunos conseguissem o mesmo. Ele queria ser um espelho, onde os alunos pudessem se ver e se identificar. Aqui ele assume a posição de sujeito fixado pela ordem discursiva criado nas artes marciais.

Durante as poucas observações realizadas durante as aulas, o professor sempre mostrava os exercícios e muitas vezes também treinava junto com os alunos. Ele não ficava apenas observando e corrigindo. Acreditamos que desta maneira ele poderia estar querendo mostrar que ele, mesmo sendo o professor e sendo mais velho do que eles, também deveria treinar, reforçando por meio de práticas não discursivas outras representações.

5.1 Os discursos de poder, identidade, diferença, cuidado de si, gênero

Uma questão que nos chamou a atenção, foi o discurso dos alunos relacionado à sensação de poder que a prática proporcionava, como pode ser observado em suas falas:

Às vezes na escola eu brincava com meus amigos, né? Aí eles falavam assim ‘oh não mexe com ela não, que ela faz Taekwondo’ (Y, 16).

A gente ganha também o respeito tanto dentro da academia, posso dizer assim, dos treinos, tanto fora porque assim, lá dentro, depois do O. e do irmão dele, eu era o que tinha a faixa mais alta. Então lá dentro eu era bastante respeitado e tudo. Fora também que o pessoal falava ‘ele luta e tal’ (K, 17).

O respeito conquistado dentro do grupo e fora dele, pode gerar nestes jovens, a capacidade de liderança, o “espírito indomável” presente nos princípios do Taekwondo.

A sensação de que qualquer coisa é possível desde que se persevere naquilo que se quer (a perseverança também é um de seus princípios).

Mas, ao mesmo tempo, temos o discurso do lutador como alguém a ser temido. Dentro do Taekwondo há uma hierarquia claramente imposta e o aluno que não respeita esta hierarquia ou as regras pré-estabelecidas, pode ser afastado da prática pelo sujeito mais graduado do local onde treina. Vemos que na segunda fala, o aluno era o terceiro na “fila” da hierarquia, ou seja, sua palavra deveria ser levada em consideração em relação aos alunos menos graduados do grupo.

Essa hierarquia imposta pode levar ao desenvolvimento de ideias e valores que levam ao conformismo. Sendo assim, os alunos podem se acomodar e não questionar o porquê disso tudo. As regras já estão impostas e provavelmente será difícil mudá-las mas, não há razão para não questioná-las.

Quando questionados sobre o porquê de ter iniciado no projeto, além das questões de saúde e condicionamento físico, um dos alunos citou que entrou nas aulas para aprender a se defender. Isso pode demonstrar que, cada vez mais, os princípios das modalidades de lutas e artes marciais são deixados de lado e, conseqüentemente, a busca pela prática destas modalidades se dá com o objetivo da autodefesa, do cuidar de si mesmo a partir da ótica do espaço social que se habita, o que reforça as análises de César e Duarte (2009) quanto aos discursos neoliberais que investem nesses preceitos como forma de investimento pessoal, afirmando o que Foucault denominou de empresário de si. Também por aqui é possível perceber os efeitos da esportivização do Taekwondo. Os valores que o caracterizavam em *lócus* de origem foram hibridizados pela cultura ocidental capitalista.

Cabe aqui também destacarmos os discursos de gênero embutidos nas artes marciais, uma vez que elas são historicamente estabelecidas como práticas corporais agressivas, que representam o exercício da masculinidade, onde o homem é viril e forte, sendo sempre o sujeito mais habilidoso dentro destas práticas corporais. As práticas corporais consideradas não agressivas representariam a feminilidade, evidenciando-se a beleza e a graciosidade ditas como algo exclusivo da mulher (FERNANDES *et al*, 2015).

Vemos que a presença de uma mulher dentro do Taekwondo representa uma tentativa de eliminar fronteiras, uma vez que os limites para as mulheres dentro das artes marciais são marcados a partir das relações sociais de poder dentro destas sendo, em sua

maioria, impostos por sujeitos do sexo masculino (mestres, professores, instrutores). Muitas vezes as meninas e mulheres podem ser poupadas em algumas atividades, pois podem ser consideradas fracas e frágeis.

Mas a partir do momento que esta menina está dentro, ela se identifica de outro modo. Ela agora, assim como seu professor, é uma guerreira. Não é mais o sexo frágil e, assim como K. (17) diz que quando sai na rua “já não me preocupo mais se eu vou ser roubado ou não, sabe? Eu tenho aquela confiança em mim mesmo”, Y (16) também pode dizer que a arte marcial “Era uma coisa que agregava pra talvez, talvez você usar fora se necessário, né? ”. Se, de um lado, ambos se identificam com a mesma representação de coragem e valentia, no caso da menina essa fala ganha outro tom. O que está em jogo são enunciados que potencializam os discursos feministas atuais que tanto contestam o lugar das mulheres posicionados pelo machismo como versam sobre as mulheres serem capazes de se defenderem sozinhas.

5.2 Discursos de saúde e qualidade de vida no meio da questão social: a identidade que se quer destes jovens

Negrão (2012) e PÉREZ-GUTIÉRREZ (2014), afirmam que o Taekwondo como prática corporal traz diversos benefícios para a saúde e, essas afirmativas, também foram levantadas pelos alunos durante as entrevistas. Palavras como “desestressava”, “emagreci”, “terapêutica”, “atividade física”, “resistência”, “agilidade” e “confiança”, surgiram em seus discursos quando questionados sobre os benefícios que a prática da arte marcial trouxe para suas vidas.

Vemos aqui também a questão que César e Duarte (2009) trouxeram sobre os corpos saudáveis e também as análises de Bracht (1992, p. 44) a respeito dos discursos hegemônicos que afirmam que a “Educação Física é fomentadora da saúde (via aptidão física)”. Tanto aspectos físicos quanto psicológicos foram atingidos pela prática da modalidade, contribuindo assim para a melhora da qualidade de vida e relacionamento destes alunos, transformando-os em corpos saudáveis ou fazendo com que estes se percebessem mais saudáveis, devido ao fato de praticar o Taekwondo.

Apesar de todos estes aspectos, a falta de regularidade da prática, põe em questão como é possível o jovem seguir numa trajetória de vida saudável, como o PEF

prega em seus objetivos, se não há regularidade desta prática esportiva. Vemos a todo momento projetos sociais como o do Taekwondo começarem e encerrarem suas atividades num espaço curto de tempo (SILVA, 2007), onde muitas vezes é difícil fazer uma avaliação exata de todos os seus impactos dentro da comunidade na qual esteve presente, principalmente quando falamos em saúde (VIANNA; LOVISOLO, 2009).

Ainda hoje, os jovens que vivem em situação de risco social ou em famílias que não tem boas condições financeiras de vida, precisam começar a trabalhar ainda na juventude, como no caso de um dos alunos entrevistados:

Queria mais, mas por causa do trabalho, comecei a trabalhar, aí ficou muito difícil de locomover agora que os treinos são em outra escola (K, 17).

Fica claro o peso que estudo, trabalho e lazer possuem e as consequências que a ausência e/ou presença destes causa. Devido ao trabalho e, conseqüentemente, a somatória do cansaço de associar estudo e trabalho, a prática de uma atividade física seja ela por lazer ou não, por mais prazerosa que seja, fica em segundo plano se esta está localizada em um local muito distante de onde o sujeito transita. Soma-se a isso, a falta de frequência constante para que possa surgir uma motivação em participar da atividade:

Porque assim, primeiro que o vôlei eu tinha mais treinos. São três vezes por dia...ou por semana, desculpa. Três vezes por semana. Eu ia todo dia lá no SESI treinar, porque eu treino lá. Então todo dia eu tô lá, treinando e treinando e o Taekwondo era uma vez por semana e quando tinha, né? Aí acabou e eu fiquei mais no vôlei mesmo (K, 17).

Corroborando com essa afirmativa, temos a fala do professor:

Eles estavam cansados durante a semana, tinham aquele período de lazer e acabaram desistindo pelo excesso de compromissos deles, porque eles tinham vários outros espaços e pela falta de infraestrutura que anteriormente a gente dispunha e passamos a não dispor mais (Professor de Taekwondo, 2017).

Jovens das classes mais abastadas da nossa sociedade possuem diversas atividades extra-curriculares no seu dia-a-dia, tanto esportivas quanto de lazer em geral, e que corroboram com o que citamos anteriormente, onde estas atividades serviriam para não deixar que as crianças ficassem pensando “bobagens” e com tempo livre de suas vidas ociosas. Além disso, reproduz e reforça a ideologia capitalista onde o tempo é trabalho.

Quando estes jovens iniciam em um esporte, geralmente este é pago, possui um horário específico e um planejamento de todas as etapas de desenvolvimento do jovem dentro deste esporte. Caso uma aula seja cancelada, ela é prontamente repostada em outro momento próximo. Agora, como fazer o mesmo em um programa que é público e que depende da participação de voluntários para o seu funcionamento?

Neira e Nunes (2009) colocam esta questão em evidência quando trazem o questionamento sobre a atual imposição hegemônica de um estilo de vida saudável, onde diversos segmentos midiáticos pregam que ser ativo e saudável é o “certo” a se fazer. Há uma gama de projetos que socializam esse estilo de vida em academias, clubes e inclusive em empresas, escolas e hospitais. Os sujeitos mais abastados da sociedade facilmente se encaixam neste padrão socialmente aceito de estilo de vida saudável e ativo, uma vez que o esporte nos dias atuais se tornou uma mercadoria e podem pagar por isso facilmente. Mas aos pobres e desprivilegiados esta ação não é assim tão fácil e acabam sendo segregados, excluídos para outros locais, uma vez que há pouquíssimas ofertas de programas que englobam todos os sujeitos.

Para milhões de pessoas que não possuem recursos para aderir a esse sistema, restam os efeitos da imobilidade. Por sua vez, responsabilizam-se os excluídos pelo fracasso diante das perspectivas privatizantes. Afinal, o que se advoga é que estes não possuem as competências necessárias para adequar-se aos novos tempos (NEIRA; NUNES, 2009, p. 149).

A partir disso, são criados novos territórios para estes excluídos, onde eles são “encaixados”. Vemos isso através de políticas públicas como o PEF, onde as ações são realizadas por voluntários, ONGs, empresas privadas (através destas ONGs) e regadas com dinheiro público³⁰. Quem não faz parte da sociedade mais abastada e não pode pagar por esse estilo de vida saudável (pois ele está aí imposto como forma correta de vida), vai para a margem (ou é enviado para a margem) numa tentativa de buscá-lo. O PEF seria aqui a margem para os excluídos, onde estes são identificados como “jovens em situação de vulnerabilidade social”.

A partir disso, vemos que é esperado dos jovens, excluídos ou não, ocuparem o seu tempo livre e buscarem uma trajetória de vida saudável da forma que conseguirem.

³⁰ Ao mesmo tempo que as ONGs demonizam o Estado, muitas ainda esperam somente dele os subsídios para seu funcionamento.

Seja fácil ou seja difícil. Através das relações de poder entre os sujeitos isto está posto para todos. É uma ação de tentativa de inclusão que implica numa dominação dos corpos destes sujeitos.

Na sociedade moderna e (neo)liberal o ócio não é visto como algo normal entre os sujeitos e deve ser combatido, pois é perigoso à ordem social. Através do PEF e da escola, há a produção de valores contra este ócio, onde se conduz os sujeitos para onde o Estado e suas políticas querem. As práticas do Taekwondo aqui são vistas então como preparação para o trabalho, assim como o esporte (BRACHT, 1992). O Estado quer sujeitos produtivos; quer formar trabalhadores.

5.3 Problemas no programa

Durante as observações na escola muitos problemas surgiram. A escola muitas vezes não abria e, quando abria, o professor às vezes faltava e não tinha aula. O PEF pressupõe que as escolas abram aos finais de semana. Isto está descrito nos seus objetivos e é a característica principal do programa. Ora, se a escola não abre, o programa não acontece e era difícil, segundo o professor, saber quando os “portões da escola estariam abertos”, pois ele chegava lá e “os portões estavam fechados”.

Além da não abertura da escola, a falta de apoio ao professor e aos alunos, colaboraram para que o projeto de Taekwondo fosse descontinuado. Isso fica claro na fala do professor onde este diz que “não houve interesse da parte da escola no apoio ao projeto”, que “faltou comunicação da escola, faltou apoio dos monitores que ‘tavam’ lá para ajudar a organizar o espaço, pra ajudar a incentivar os alunos” e que “a realização de qualquer projeto demanda um mínimo de esforço e esse esforço nem sempre é um, é algo que aparece como interessante pra direção, ‘pros’ apoiadores”. Os beneficiários do PEF e das atividades inseridas nele, são as pessoas que o frequentam. Mas para isso, o programa deve acontecer; ele deve abrir as suas portas.

Um dos alunos, após a entrevista, questionou se as aulas de Taekwondo voltariam e contou uma história na qual ele diz que reuniu um grupo de cinco amigos para apresentar a modalidade. Eles chegaram à escola às 14h e os portões estavam fechados. Às 14h30 chegaram e a escola ainda permanecia fechada. Às 15h, eles foram embora. Foi

a partir desse momento que o aluno se desmotivou mais ainda do projeto. Ele “ficou mal” com os amigos que foram lá na escola e perderam seu tempo.

Aí começou problemas também, porque a escola ficava fechada do nada, sabe? Aí chegava lá, e pra ir a pé é um pouco longe, né? E a gente locomovia até lá um grupinho tal pra treinar e chegava lá “tava” fechado. O pessoal foi desanimando e aí eu acabei parando (K, 17).

Este mesmo aluno inclusive diz que se “tivesse frequência e aí eu ia. Sabe, fala assim não ‘Duas horas, no sábado, é no, lá na escola X’, tô lá (K, 17).” Isso, reforça que é necessário que o programa cumpra com o que é proposto em seus objetivos, para que todas as metas que foram colocadas consigam ser cumpridas. Retomo aqui a fala do professor na qual ele diz que “a realização de qualquer projeto demanda um mínimo de esforço”, esforço esse que deve ser realizado e cobrado por todos.

Sabemos que programas assistencialistas como o PEF surgem como medidas paliativas na tentativa de diminuir as desigualdades entre os diversos grupos sociais. Esses programas utilizam o esporte como elemento que vem agregar e condensar “a formulação e circulação de discursos verdadeiros sobre a cidadania e sobre a inclusão de crianças e jovens pobres” (PINTO; OLIVEIRA, 2017, p. 45).

Vemos no entanto, que devido aos problemas citados anteriormente, estas desigualdades dificilmente conseguem ser sanadas por inteiro. Quando um programa se propõe a atender um determinado segmento da sociedade, este já está explanando a diferença entre os sujeitos que estão dentro e os que estão fora do programa e, através do discurso por trás de seus objetivos, acaba construindo novamente a identidade destes sujeitos (vulneráveis e em risco social) (NOGUEIRA, 2011; PINTO; OLIVEIRA, 2017).

Os programas e projetos sociais, ONGs e afins muitas vezes acabam se preocupando mais com os recursos recebidos para a melhoria de sua estrutura de funcionamento do que com a quantidade de sujeitos atendidos por suas ações (PINTO; OLIVEIRA, 2017). Quando um projeto social possui uma demanda alta de crianças e jovens, podem-se ocultar a saída e o abandono destes dos projetos (VIANNA; LOVISOLO, 2009). Observamos isso durante as aulas de Taekwondo. Apesar de haver uma quantidade considerável de crianças durante as aulas, apenas duas ou três foram vistas frequentando assiduamente aos treinos. Para esses tipos de projetos, não importa muito a permanência e sim a quantidade total de crianças atendidas. Vemos isso nos

números de crianças e jovens atendidos disponibilizados pelo PEF³¹ onde também é utilizado para justificar sua criação e presença nas escolas.

Além disso, os programas e projetos sociais em sua grande maioria acabam funcionando por períodos curtos como já foi dito (SILVA, 2007) e “torna-se difícil justificar a formação esportiva ou moral” (VIANNA; LOVISOLO, 2009, p. 2) que tanto pregam, se eles apenas funcionam por períodos curtos e onde não há a permanência dos sujeitos que dizem ser seus alvos de trabalho. Os programas sociais são mais meios de governo e controle dos sujeitos que produzem e reforçam um modelo de cidadão tutelado pelo Estado. Como efeito, se reforça a pauta de inclusão dos mesmos às normas estabelecidas pelo Estado e salvaguardadas por interesses de grupos específicos, que tanto mantém sua posição social e econômica de privilégio, como mantém os sujeitos desses projetos na condição em que vivem e os potencializam a ser parceiros na manutenção e vigilância de qualquer ameaça à ordem estabelecida. De forma cruel, a vítima colabora para com aqueles que o vitimizou.

³¹Ver capítulo 2 neste trabalho.

6. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na globalização e no capitalismo o sujeito é produzido de forma a se tornar uma mercadoria, tendo, sempre, como regra a competição. É por esse e outros motivos que muitas desigualdades sociais existem em diversas partes do mundo.

Podemos observar, a partir do presente trabalho, o quanto as práticas assistencialistas atreladas ao esporte (aqui no caso ao Taekwondo) contribuem para que a formação das identidades dos sujeitos participantes de programas sociais como o PEF se alinhem a um projeto civilizador pautado na eficiência e performatividade. Como dito ao longo deste trabalho, o esporte é uma das principais ferramentas de intervenção em políticas públicas para o atendimento de crianças e jovens em situação de risco social (NOGUEIRA, 2011) e é, também, discursado de modo a ser reconhecido como uma possibilidade de diminuir as desigualdades entre os sujeitos. Também é visto por muitos como um dos poucos meios de ascensão social nos dias atuais.

É, através do discurso, que os sujeitos atendidos por esses programas são construídos (PINTO; OLIVEIRA, 2017) e suas identidades quase sempre são vistas como de crianças e jovens vulneráveis socialmente, sem muitos locais próprios para a prática de esporte e lazer perto de suas residências, sendo considerados pela sociedade fora daquele local como um problema que deve ser solucionado ou jogado para a margem.

Através destes projetos sociais, surge a ideia de que crianças e jovens poderiam criar oportunidades de construção de uma vida saudável, “de experiências positivas de participação e reconhecimento” (NOGUEIRA, 2011, p. 105) dentro da sociedade em que vivem e ocupar seu tempo livre numa tentativa de fugir da ociosidade que pode levar à criminalidade, a qual geralmente faz parte de seu cotidiano. Mas, é através destes projetos, que visam a igualdade, que a sociedade fortalece a desigualdade entre os sujeitos das localidades que atendem.

Programas como o PEF são desenvolvidos para colocar à margem e fora do território da sociedade abastada, os sujeitos que não tem condições de pagar por esporte e lazer. A juventude das comunidades periféricas é vista sem oportunidades e é aí que os projetos sociais e ONGs fixam seus territórios. Eles não saem da comunidade para que estes jovens tenham a oportunidade de conhecerem e explorarem outros locais. Eles buscam demarcar a comunidade como o único território no qual aqueles jovens devem

ter acesso, utilizando o discurso de agregar valor àquele local no qual a juventude já esta acostumada.

A partir das relações de poder, a liberdade desta juventude em situação vulnerável é condicionada pela sujeição a o Estado. As relações de poder existentes aí, fazem com que estes programas nunca deixem de existir e que mesmo que acabem por um tempo, retornam em um outro momento e com um outro nome, mas com os mesmos objetivos. Assim, o Estado sempre é identificado como um benfeitor que se preocupa com seus sujeitos e que por isso cria programas que dizem ser inclusivos, mas que apenas excluem ainda mais os sujeitos já excluídos da e pela sociedade (SILVA, 2007).

A partir das entrevistas realizadas, podemos ver como o professor tenta passar sua identidade adquirida dentro da arte marcial, através de seus discursos e ações, para os seus alunos, numa tentativa de alavancá-los e tirá-los daquele meio problemático e excluído no qual se considera que estes jovens vivem. O professor, através de suas aulas, procura reforçar os discursos criados nas artes marciais, onde estas auxiliariam na socialização entre os indivíduos e em sua transformação em sujeitos melhores. Ele, assim como o PEF e demais programas sociais, acredita que só pelo meio de práticas corporais como a dele que estes jovens serão “salvos” e conseguirão chegar em um lugar melhor dentro da sociedade, conseguindo assim a identidade de bom cidadão.

Apesar de todas estas considerações, a experiência adquirida pelos alunos, faz com que estes também criem novas identidades para si dentro e fora do Taekwondo, seja por meio da hierarquia dentro da arte marcial ou do cuidado de si a partir do aprendizado das técnicas de defesa e nas relações de gênero na sociedade machista, racista, classista na qual vivemos. Apesar disso, ainda se veem como vulneráveis, uma vez que necessitam de programas como o PEF e o Taekwondo para poderem usufruir de todos os benefícios que estes e outros programas divulgam. Ao se reconhecerem como vulneráveis, reafirmam os discursos sobre sua classe social e potencializam o processo de exclusão no qual já estão inseridos (SILVA, 2007).

Não cabe aqui dizer o quão bom ou o quão ruim são esses programas e se estes devem ou não continuar existindo. Cabe dizer que programas como o PEF e esportes como o Taekwondo contribuem para que ainda hoje crianças e jovens sejam tutelados por discursos hegemônicos sobre classe social, gênero, saúde, educação e de qual seria o lugar

destes indivíduos presentes na nossa sociedade, uma vez que os conteúdos ensinados nestes programas são definidos pelos grupos dominantes (SILVA, 2007).

Para que haja a igualdade entre os jovens da nossa sociedade e que estes jovens considerados vulneráveis e que são atendidos pelos programas sociais possam realizar uma “alavancagem social”, como o professor de Taekwondo diz querer e como os programas como o PEF afirmam buscar, estes necessitam ter condições de se reconhecerem dentro do território social no qual estão sendo inseridos e ter a sensação de que fazem parte daquela identidade, mesmo sendo diferentes.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. **Balço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 09-23.
- ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BOSCHETTI, I. **Avaliação de políticas, programas e projetos sociais**. In: CFESS/ ABEPSS (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.
- BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem**. Porto Alegre: Livraria e Editora Magister LTDA: 1992, 122p.
- BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Planalto**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.html>. Acesso em: 30 out. 2017.
- BRASIL, Decreto nº 48.781, de 7 de julho de 2004. Institui o Programa Escola da Família - desenvolvimento de uma cultura de paz no Estado de São Paulo e dá providências correlatas. **Escola da Família**. Disponível em: <<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/Legislacao.html>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- BRASIL, Resolução SE 43, de 28-9-2017 Dispõe sobre a instituição do Projeto Bolsa Universidade, no âmbito do Programa Escola da Família, instituído pelo decreto 48.781 de 07/07 de 2004. **Escola da Família**. Disponível em: <<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/Legislacao.html>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- BRASIL, Resolução SE 53, de 22-9-2016 Dispõe sobre a consolidação das normas que regulam e regulamentam o Programa Escola da Família - PEF, nas escolas da rede pública estadual, e dá providências correlatas. **Escola da Família**. Disponível em: <<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/Legislacao.html>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- CÉSAR, M. R. de A.; DUARTE, A. Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do fitness. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 2, p. 119-134, 2009.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (1988). **Senado**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf> Acesso em: 09 de abr. 2018.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUK-MOO; JE-GA PARK. **Muye Dobo Tongji** (1979). Tradução por: Sang H. Kim. Comprehensive Illustrated Manual of Martial Arts of Ancient Korea. 1ªediçãoem inglês, 400 p., 2014.

FERNANDES et al. **Mulheres em Combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA**. In: Rev. Educação Física/UEM, v. 26, n. 3. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 3 trim., 2015. p. 367-376. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/26009>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **Dois ensaios sobre o sujeito e o poder**. Tradução parcial do texto: Michel Foucault, "Deuxessaissurlesujet et lepouvoir", in Hubert Freyfus e Paul Rabinow. Paris, Gallimard, 1984, pp. 297-321.

FOUCALT, M. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FROW, J.; MORRIS, M. **Estudos Culturais**. In: DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

KUKKIWON. **Headquarters**. Disponível em: <<http://www.kukkiwon.or.kr/front/eng/main.action;jsessionid=NsbGCw9aSy23DCEkNVLRCivLL15UnzlrVWHbIhlz02vfhaanMaGNsQLZX1JVVp6d>>. Acesso em 13 de Mar. 2018.

KUKKIWON.

Philosophy. Disponível em: <http://www.kukkiwon.or.kr/front/pageView.action?cmd=/eng/information/taekwondo_mind>. Acesso em 13 de Mar. 2018.

KUKKIWON. **Taekwondo History**. Disponível em:

<http://www.kukkiwon.or.kr/front/pageView.action?cmd=/eng/information/history_tae kwondo>. Acesso em 13 de Mar. 2018.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Inclusão como dominação do outro pelo mesmo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT. PUC-SP, 20011.

MORAES, R. C. Reformas Neoliberais e Políticas Públicas: hegemonia ideológica e redefinição das relações Estado-Sociedade. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 13-24.

- MUYLAERT, C. J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 48, n. spe2, p. 184-189, Dez. 2014.
- NEGRÃO, C. **Taekwondo Fundamental**. 1ª edição. São Paulo: Editora Prata, 240 p., 2012.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. Phorte, 2009.
- NOGUEIRA, Q. W. C. Esporte, Desigualdade, Juventude e Participação. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 103-117, jan./mar. 2011. Disponível em: <<https://http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n1/a07v33n1.pdf>>. Acesso em: 27 de maio de 2018.
- NUNES, M. L. F. **Educação Física e esporte escolar: poder, identidade e diferença**. 2006. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- NUNES, M. L. F.; NEIRA, M. G. Responsabilidade socioambiental como estratégia de subjetivação dos sujeitos do ensino superior. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 463-480, jul./dez.2014.
- PÉREZ-GUTIÉRREZ, Mikel; VALDÉS-BADILLA, Pablo Antonio. **Evolución de la investigación iberoamericana relativa al taekwondo y su impacto en el ámbito deportivo: aproximación bibliométrica**. *Lúdica Pedagógica*, v. 20, n. 2, p. 103-112, 2014.
- PINTO, R. N.; OLIVEIRA, C. B. Esporte, infância e juventude despossuída: uma análise das ONG's como acontecimento discursivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 39, n. 1, pag. 39-48, jan./mar. 2017. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328916000147>>. Acesso em: 27 de maio de 2018.
- SÃO PAULO (Estado). Idéias 32. **Escola da Família**. Fundação para o Desenvolvimento da Educação: São Paulo, 2004, 280p. Disponível em: <<https://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/Ideias32.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO SEE-SP. Escola da Família. **Educação**. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/escoladafamilia/>> Acesso em 20 ago. 2017.
- SILVA, S. S. da. **Programa Segundo Tempo – Os objetivos e efeitos dos Projetos Esportivos Sociais**. 2007. f. Especialização em esporte Escolar – Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T.T. (org) *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

VEIGA-NETO, A. **Cultura e Currículo**. Itajaí (UNIVALI): Contrapontos, a.2, n.4, 2002 a. p.43-51.

VERGARA, S. C.; FERREIRA, V. C. P. ONGs no Brasil: expansão, problemas e implicações. **Revista Gestão e Tecnologia**, v. 5, n. 2, 2005.

VIANNA, J. A.; LOVISOLO, H. R. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação. **Revista Movimento**, v. 15, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/5190/5832>>. Acesso em: 27 de maio de 2018.

WORTMANN, M. L. C.; COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H. Sobre a emergência e a expansão dos estudos culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 32-48, 2015.

ANEXOS

Entrevista Kesley- Data 20/12/2017

Pesquisadora	Entrevistado (a)
Começa contando um pouquinho sobre você, seu nome, idade, o que você faz atualmente...	Nome completo?
Não precisa não.	Meu nome é Kesley, eu tenho 17 anos, atualmente eu tô trabalhando na empresa Honda Automóveis do Brasil como aprendiz. De esporte eu pratico voleibol e não sei se pode ser considerado mas academia, né? Mas já pratiquei taekwondo arte marcial, hoje não mais e estudando, estudando o ensino médio, vou pro terceiro ano, ano que vem, né? E tô fazendo (palavra inaudível devido ao latido de cachorro ao fundo) também.
Como você conheceu o taekwondo?	Através da, do Otávio né? Filho da Teka (professora de Biologia da primeira escola onde o projeto foi iniciado), ele foi lá na escola, tava tendo aula normal, e no meio da aula ele chegou e apresentou sobre, a Teka mandou ele falou do outro projeto que ele tava fazendo, inclusive começaram no Ângelo (escola onde o projeto iniciou) esse projeto e daí em diante eu gostei da arte marcial, a gente começou a fazer, fizemos uma experimental e daí em diante foi história.
E você chegou a que faixa?	Atualmente eu cheguei na verde
Na verde?	Hoje eu estou na verde, é.
Chegou a competir?	Fiz uma vez pra poomsae, que é a representação de golpes né? Ganhei prata

	e inclusive to com a medalha aqui, mas foi uma vez só.
Você gostou?	Ah, eu gostei sim! Queria mais, eu queria. Queria mais, mas por causa do trabalho, comecei a trabalhar, aí ficou muito difícil de locomover agora que os treinos são em outra escola.
Aham.	Certo e...Mas tenho vontade de voltar. Tenho vontade...
E você ficou sabendo por que que mudou os locais, te falaram quando mudou o local de...	Sim sim, foi conversado antes, né? Foi decidido também com a gente, ele não chegou de supetão e “Ah, vou mudar”, não. Ele sentou, conversou com todo mundo, falou assim “gente, vou mudar por causa disso e disso e disso e, vocês tão de acordo?”. A gente concordou e ele foi pra outra escola.
Aham. E você continuou lá durante um tempo?	Durante um tempo sim. Aí começou problemas também porque a escola ficava fechada do nada, sabe? Aí chegava lá, e pra ir a pé é um pouco longe né? E a gente locomovia até lá um grupinho tal pra treinar e chegava lá tava fechado. O pessoal foi desanimando e aí eu acabei parando.
E você sentiu que o taekwondo trouxe alguma coisa de bom pra você?	Com certeza, com certeza. Tanto no espírito, posso dizer assim quanto fisicamente, certo? Porque quando eu entrei, eu ganhei mais resistência, eu ganhei mais confiança em mim. Quando eu saio na rua hoje eu já não me preocupo mais se eu vou ser roubado ou não, sabe? Eu tenho aquela confiança em mim mesmo e... questão física também, né? Que eu emagreci bastante com o taekwondo tem isso, minha respiração

	melhorou muito, minha agilidade, forma de pensar assim...
Aham. Teve alguma situação que você precisou utilizar o taekwondo pra se defender?	Olha... (hesitou um pouco) posso te dizer que não, não. Não exatamente, certo? Porque assim, o pessoal ia brincar e tudo, aí tudo bem, certo? A gente brincava ali. Mas nada numa situação real ali, de uma pessoal me agredir e tal.
Entendi. E você notava que os outros alunos te respeitavam mais por você saber o taekwondo?	Olha, acho que sim (risos), acho que sim. A gente ganha também o respeito tanto dentro da academia, posso dizer assim, dos treinos, tanto fora porque assim, lá dentro, depois do Otávio e do irmão dele, eu era o que tinha a faixa mais alta. Então lá dentro eu era bastante respeitado e tudo. Fora também que o pessoal falava “ele luta e tal.”.
Já te chamaram pra demonstrar, assim?	Já fiz. Inclusive, esse tempo atrás eu fiz uma apresentação onde eu trabalho, o pessoal pediu lá e tudo. Aí levei o dobok, levei a faixa. Fiz a apresentação e eles gostaram bastante, inclusive.
Foi uma apresentação formal ou só...	Não, “ixe”, foi pra descontrair mesmo, sabe? Fiz um poomsae que inventei ali na hora e tudo. Algumas apresentações de golpe, né? Fiz apresentando alguns golpes e sequencias depois “ponhei” o pessoal pra fazer ali, nada brutal, sabe? É...só mostrando mesmo os movimentos, entendeu?
Você fez vôlei também, né? Entre vôlei e taekwondo?	Olha (gargalhada), é difícil a pergunta, mas hoje, hoje mais o vôlei.
Mais o vôlei?	Hoje mais vôlei. Eu me perdi um pouco do taekwondo. Tenho vontade, sinto saudade, mas hoje eu to mais focado no vôlei.

Por que você acha que se perdeu?	Porque assim, primeiro que o vôlei eu tinha mais treinos. São três vezes por dia...ou por semana, desculpa. Três vezes por semana. Eu ia todo dia lá no SESI treinar, porque eu treino lá. Então todo dia eu to lá, treinando e treinando e o taekwondo era uma vez por semana e quando tinha, né? Aí acabou e eu fiquei mais no vôlei mesmo.
Entendi e se você fosse voltar, quais seriam as condições pra você voltar “pro” taekwondo?	Olha, tivesse frequência já tava lá. Tivesse frequência e aí eu ia. Sabe, fala assim não “Duas horas, no sábado, é no, lá na escola X”, to lá.
Entendi. Por enquanto eu acho que é só isso que eu preciso mesmo saber de você. Se eu precisar conversar de novo eu posso vir?	Claro, claro. Fica a vontade. Se quiser me mandar um “zap” que fica mais fácil, pode mandar.
Ok. Muito obrigada.	

PÓS-ENTREVISTA

Após a entrevista do Kesley, ele acabou me perguntando se o professor tinha planos de voltar a dar aulas de taekwondo e ele acabou contando uma história de que um dia ele levou um grupo de amigos dele para conhecer o treino de taekwondo. Ele reuniu um grupo de cinco amigos e chegaram lá na escola às 14h e estava fechada. Deu 14h30 a escola ainda fechada e quando deu 15h eles foram embora. Ele disse que esse foi um dos

motivos por ter abandonado o taekwondo, porque ele “ficou mal” com os amigos que foram lá na escola e perderam tempo.

Entrevista Otávio – Data 13/12/2017

Pesquisadora	Entrevistado (a)
<p>A entrevista ela não é estruturada, então não tem perguntas fechadas, você é livre pra falar o que você quiser. Então me fala um pouco sobre você, seu nome, idade, o que você faz...</p>	<p>Eu sou Otávio Salvador Baptista, aluno da graduação da Unicamp, Engenharia de Alimentos, “hã” em vias de término da graduação, espera-se, pratico taekwondo desde 2012, iniciando na Unicamp e também trabalho, tenho um contrato em uma empresa. Trabalho de segunda a sábado e desde que eu me tornei aluno graduado, a partir da faixa azul, fiz uma proposta aos professores que os alunos graduados da equipe tivessem um projeto ligado à implementar o taekwondo, à apresentar o taekwondo em núcleos diferenciados e houve... a minha foi a primeira experiência, houve outras experiências inclusive com a terceira idade. Então, a partir desse a gente começou a trabalhar, tanto pra formação do, é, do atleta, do atleta amador quanto do, dentro da arte marcial seguindo os preceitos da filosofia da arte marcial e tentando passar um pouquinho disso pra frente, onde a gente achasse que era mais condizente com a nossa atuação.</p>
<p>E como você começou no taekwondo? Por que o taekwondo?</p>	<p>Por uma (inaudível por conta de latido de cachorro) como em qualquer outro esporte. Apareceu um colega com um cartaz da equipe de taekwondo da Unicamp em uma das aulas e resolvi experimentar, porque eu já tinha falhado em futebol de campo, futebol de quadra, vôlei, handebol, até badminton e como não deu em nenhuma outra eu quis experimentar uma arte marcial que era uma, um tipo de esporte que eu não pensava em praticar.</p>
<p>E porque você continuou no taekwondo?</p>	<p>Pergunta difícil...foi uma questão de ego, ego mesmo. Porque dentre todos os esportes que eu tentei praticar, todos</p>

	<p>coletivos, a maior parte deles coletivo e exigia instrumentos para a participação ou trabalhar na coletividade e eu não tinha um desempenho muito bacana e as equipes não me recebiam muito bem, não tinham uma formação adequada e quando eu fui para o taekwondo, os professores olharam pra minha cara e falaram “Ok, esse não volta mais”, porque eu tinha muita cara de almofadinha e o treino era muito puxado e eu insisti só pra mostrar que dava, que eu ia conseguir. Então, por isso eu persisti no esporte, acabei pegando bastante afeição e segui.</p>
<p>Entendi. E de onde surgiu essa ideia de falar para os professores para os alunos graduados darem aula fora da universidade?</p>	<p>Era uma época que eu tava começando a trabalhar com educação, tava dando aula de substituição no Estado, e vendo a carência que os alunos tinham, por tudo, não só por conteúdo, mas por qualquer coisa que atendesse a eles e a ferramenta que eu encontrei, onde eu me encontrei, eu achei que podia servir de porto seguro pra mais alguém, de algum tipo de alavancagem pra outras pessoas também, porque tinha me feito bem, e feito bem para vários outros colegas, então, talvez, apresentando isso pra algumas pessoas talvez fosse impactar na vida desses adolescentes positivamente.</p>
<p>Você começou primeiro onde?</p>	<p>Na Escola Estadual Ângelo Campo Dall’Orto.</p>
<p>Você acha que lá impactou em alguma coisa ou não?</p>	<p>Enquanto minha relação para com os alunos, enquanto eu dava aulas de taekwondoe de matemática e química, eu notava que o desempenho dos alunos, principalmente os que começavam a participar das aulas de taekwondo era bem superior a antes, ao período anterior a prática do esporte e, acontece uma interação maior entre os alunos e você como educador nesse processo. Cria um vínculo maior, que auxilia no processo de ensino e aprendizagem dos dois lados. Então teve um impacto bastante positivo no geral, em todas as salas onde tinha algum</p>

	aluno que praticava, o interesse nas aulas era maior.
Entendi.	Pela figura do educador, não sei.
E lá você tinha alguma ajuda? Direção?	Eu tive o espaço. O pátio. O pátio pra treinar. No final do ano, no primeiro exame de faixa, houve uma colaboração financeira pra compra dos doboks pra alguns alunos que não tinham condição financeira de comprar. Então houve a compra de quatro vestimentas, a direção forneceu essa verba pra comprar quatro vestimentas, mas o apoio ao longo do período era ceder o espaço.
E depois de findado o projeto nessa escola você foi pra onde?	Escola Estadual Marinalva Colossal, também conhecida como Jatobá, em Nova Veneza também, no mesmo bairro onde a outra ficava situada só que em outra localidade do bairro.
Muitos alunos foram pra essa escola?	A maior parte do público era de alunos que já faziam e fizeram a migração de uma escola do projeto, continuaram estudando no Ângelo, mas migraram para o Marinalva e continuaram tendo aulas de taekwondo no Marinalva.
E como que era o projeto lá? Tinha também ajuda ou não?	Houve a indicação de que teria apoio, da parte da escola, pelo projeto Escola da Família e tinha o espaço. A gente tinha combinado um determinado espaço para a realização dos exercícios, mas o espaço acabou sendo ocupado e meus pedidos foram relevados pelo uso da quadra. Acabou que eu acabei não conseguindo fazer o uso da quadra e, no começo a gente tinha fechado um combinado para a utilização da quadra. Então, tive que usar um pátio bastante apertado pra realização das aulas e onde tinha várias mesas e cadeiras, porque é a região, a localidade onde os alunos costumavam fazer... A se alimentar durante a semana e enquanto no Ângelo eu tinha o espaço ao longo da semana, porque eu trabalhava na escola, conforme eu mudei de emprego e passei a

	<p>trabalhar numa empresa, eu só pude ministrar os treinos de final de semana e nesse período de final de semana não dispus de muita interação com o público da própria escola que, acho que foi um dos motivadores para o término. Outro motivo foi a falta de apoio da direção do Escola da Família, que nunca comunicava quando teria ou quando não teria o projeto, a escola aberta. Então, por algumas vezes, em feriados prolongados eu aparecia por lá e os portões estavam fechados, outras vezes era feriado prolongado nas mesmas circunstâncias e eu não ia porque não avisavam os alunos e ninguém ia, porque não avisavam que a porta, que os portões da escola estariam abertos e a frequência foi reduzindo cada vez mais até o ponto que houve uma desistência da parte dos alunos e eu não tive condições de levar o projeto adiante, porque eu não tinha público para os treinos.</p>
<p>Como você vê essa falta de apoio da escola?</p>	<p>A realização de qualquer projeto demanda um mínimo de esforço e esse esforço nem sempre é um, é algo que aparece como interessante pra direção, “pros” apoiadores, porque eu precisava de ajuda pra organizar o espaço, deixar o espaço reservado ou às vezes pra dar uma incentivada nos alunos, porque diversos alunos iam num dia, numa semana e depois não iam mais porque não sabiam se teria, se não teria...Então, faltou comunicação da escola, faltou um certo apoio dos monitores que “tavam” lá para ajudar a organizar o espaço, pra ajudar a incentivar os alunos. Não sei, talvez um pouco de falta de interesse em seguir com o projeto que tinha sido sucedido na primeira escola, mas não houve interesse da parte da escola no apoio ao projeto.</p>
<p>Você acha que isso vai acabar impactando na vida dos que estavam e acabaram desistindo porque não tinha uma estrutura boa pra eles continuarem?</p>	<p>Os alunos que tinham maior frequência, todos eles acabaram indo pra escolas técnicas e a gente conversava bastante sobre a questão do estudo, de vivenciar um mundo um pouquinho fora da realidade deles, acabaram indo pra escolas técnicas,</p>

	<p>arranjaram empregos e o espaço... Foi um espaço perdido, então, eles sentiram assim, essa falta de apoio e de infraestrutura, então isso corroborou a saída deles, com certeza. Eles estavam cansados durante a semana, tinham aquele período de lazer e acabaram desistindo pelo excesso de compromissos deles, porque eles tinham vários outros espaços e pela falta de infraestrutura que anteriormente a gente dispunha e passamos a não dispor mais. Então, de certo modo, foi notado por eles que houve uma falta de interesse da escola e eles desanimaram bastante.</p>
<p>Voltando ao taekwondo agora. O que você acha assim, da modalidade, o que você acha que ficou mais nos seus alunos? O que você conseguiu realmente transmitir e que você via nos seus alunos?</p>	<p>Eu sempre fui bastante exigente em relação a execução das técnicas, chutes, quanto da movimentação, todos os exercícios físicos foram bastante cobrados e quando algum deles tava fazendo o exercício de alguma maneira errada, eu ficava bastante no pé deles, cobrava bastante a correção disso e eles acabaram percebendo e comentaram comigo por várias vezes que isso ajudou eles a entender que nem sempre a primeira tentativa do que eles faziam daria certo. Então, pelo menos três, quatro me procuraram e falaram que eles entenderam que às vezes as coisas não são realizadas de primeira e que precisa de uma insistência, de uma perseverança, pra seguir nas adversidades que eles encontravam. Foi uma coisa que eu sempre tentei deixar claro pra eles, até porque é um dos pilares do taekwondo, da arte marcial.</p>
<p>Você via algum protagonismo de algum aluno?</p>	<p>Por algumas vezes, principalmente no começo do... Assim que os treinos migraram do Ângelo “pro” Marinalva, os alunos mais antigos se empenhavam em arrumar horário, em ajudar a arrumar o espaço, preparar o espaço “pras” atividades. Então eles tinham a iniciativa de pedir treinos em mais horários, tinham a iniciativa de um ajudar o outro. Quando depois da primeira fase, dos primeiros alunos, onde alguns fizeram a troca de faixa, a primeira vez foram seis alunos</p>

	<p>fazendo a troca de faixa, a segunda vez a gente chegou a onze, doze alunos fazendo o exame de faixa, da terceira vez foi um aluno, mas esses alunos que tinham feito a troca de faixa eles ajudavam muito os alunos mais iniciantes, ajudavam no processo de correção, ajudavam a incentivar, ajudavam muito os colegas iniciantes a ter uma evolução maior.</p>
<p>E você pretende continuar, se possível, esse projeto em alguma outra escola ou algum espaço?</p>	<p>Eu pretendo continuar assim que eu tiver um horário de trabalho um pouco mais flexível. Os alunos estão pedindo a volta, disseram que estão sentindo falta, relataram que eles estão realmente querendo a volta, essa vivência, e eu pretendo trazer de volta, só preciso conseguir um espaço que seja razoável, porque eles não têm a possibilidade de transporte a longas distâncias. Então, eu precisava de um espaço mais próximo a eles. Criar talvez a criação de um núcleo mais pra frente, agora que eu conto mais com o apoio do meu irmão que se graduou também, tem uma vivência um pouco mais ampla, ele consegue me auxiliar nesse aspecto, então eu pretendo tocar assim que possível. Talvez no início do ano que vem, conversar em alguma escola, ver como está a situação, pra ver se tem essa possibilidade.</p>
<p>E você pretende continuar no Escola da Família, ou não? Ser um projeto a parte mesmo?</p>	<p>Pretendo fazer a parte, sem a esperança de ter um recurso extra, porque visivelmente não foi algo muito... Não foi uma empreitada de sucesso, foi uma empreitada meio falha, então vou procurar um espaço que a gente tenha uma disponibilidade melhor de espaço, mesmo que seja um espaço não tão adequado, mas que a gente tenha uma liberdade um pouco maior da... De limitação do espaço ser muito pequeno ou de..</p>
<p>Amarras?</p>	<p>Amarras (risos) É uma burocratização excessiva, sem um apoio que seria necessário pra manter essa burocratização e institucionalização do projeto.</p>

Entendi. Muito obrigada pela entrevista.	Eu que agradeço pela escolha.
Se possível, posso entrar em contato novamente com você, caso surjam mais dúvidas?	Sim.
Então é isso. Muito obrigada pelo seu tempo!	

Entrevista Yasmin – Data 27/12/2017

Pesquisadora	Entrevistado (a)
Começa falando seu nome, idade...	Eu me chamo Yasmin, tenho 16 anos e eu participei do trabalho voluntário que o Otávio fez pra aula de taekwondo.
E como você ficou sabendo?	Ele informou a gente na escola, é... Passou nas salas falando que ele ia fazer um trabalho comunitário na escola. Aí me interessei e falei “ah, vou lá ver como é que é”
E você gostou de participar?	Gostei muito. É apesar é... Eu fui muito no intuito de é... Talvez aprender a me defender, mas eu acabei aprendendo valores é... que eu não sabia que ensinavam nas artes marciais.
Que tipo de valores?	É... disciplina, eu me desestressava lá. Ai era uma coisa terapêutica. Era uma coisa muito boa, eu gostava.
Você fez muitos amigos lá?	Sim. Uns entraram outros saíram, mas foram amigos bons. Foi uma época muito boa. Eu falo pra minha mãe “Ah que saudade de lutar” (risos)
Tinha algum ponto negativo?	Não, não encontrei nenhum ponto negativo.
O taekwondo começou em uma escola e foi pra outra. Isso foi ruim pra você?	Não, apesar do deslocamento ser longe, eu enxergava como uma atividade física.
E você sentia preconceito por ser menina?	Nenhum. O Otávio sempre é... Apesar é, do Otávio ser feminista, né? Ele sempre encaixava a gente. Ele inclusive, quando às vezes eu não conseguia fazer as coisas, ele usava a minha raiva pra fazer eu conseguir aquilo. Ele falava “Ah mulher não sabe luta mesmo” aí eu começava, sabe?
Ele te encorajava, né?	Sim, assim, preconceito assim nenhum.
Você se sentia poderosa fazendo taekwondo?	(gargalhada) Sim! Era uma coisa que agregava pra talvez, talvez você usar fora se necessário né? Porque a gente também

	aprendeu que não pode bater nos coleguinhas e é assim.
Você chegou a usar alguma vez?	Fora, não.
Não?	(som de negativa com a boca)
E você sentia que as pessoas te respeitavam mais por você fazer o taekwondo?	Sim. Às vezes na escola eu brincava com meus amigos, né? Aí eles falavam assim “oh não mexe com ela não, que ela faz taekwondo” (risos). Na questão assim foi nítido.
E hoje você faz o que?	Como assim?
Assim de esporte, porque o taekwondo acabou, né?	Sim. Ah, hoje eu não faço nada. Sou sedentária mesmo. (risos) Infelizmente.
Você gostaria de voltar?	Sim, gostaria muito.
E pra voltar, onde teria que ser o taekwondo? Em qualquer lugar?	Sim. Qualquer lugar.
Se fosse no centro?	Se fosse no centro?
Iria?	Sim.
Ah, sim. Como era sua relação com o Otávio?	Fora ou dentro?
Dentro do taekwondo.	Ele era meu professor e a nossa relação era boa, assim. Muitas coisas eu aprendi com ele, sabe? Não só do taekwondo, mas também sobre muitas outras coisas e era uma relação amigável.
Fora também vocês eram amigos?	Sim. A gente às vezes ainda conversa.
Tudo bem então. Muito obrigada pelo seu tempo.	Ah, que isso.
E se eu tiver alguma pergunta eu posso vir, mandar uma mensagem?	Pode sim.
Ta bom! Obrigada!	De nada.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “Projeto Social, Esporte e Educação: as identidades e diferenças presentes no ensino do Taekwondo”

Pesquisador responsável Mário Luiz Ferrari Nunes (orientador) e
Gizeli Aparecida Pereira (orientanda)
Número do CAAE: 69383817.1.0000.5404

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa tem por objetivo Conhecer e identificar de que modo o projeto de Taekwondo do qual seu filho (a) participa dentro do programa Escola da Família, influi na produção da identidade. **Esta pesquisa tem por intuito contribuir de forma relevante com o atual debate a respeito das políticas sociais esportivas e da formação docente para a atuação nesses espaços sociais.**

Procedimentos:

Seu filho está sendo convidado a conceder uma entrevista narrativa a respeito das vivências pessoais nas aulas de Taekwondo.

Observações:

- A entrevista será realizada na escola em que o projeto ocorre em data e horário combinado entre ele (a) e a pesquisadora. Por ser no local em que acontece a aula, não haverá custo para participação. A estimativa de realização da entrevista é de aproximadamente 1 hora.
- **As transcrições da entrevista serão apresentadas aos participantes antes da produção das análises do material coletado e constarão do relatório final. Neste momento, o colaborador poderá excluir trechos ou acrescentar relatos que achar convenientes. Do mesmo, lhe é garantida a opção de retirar seu depoimento dos dados coletados, assim como encerrar a entrevista narrativa e/ou retirar-se dela caso haja alguma inconveniência. Afirmo aqui a garantia do sigilo da identidade do colaborador.**
- O material gravado das entrevistas ficará armazenado sob a tutela dos pesquisadores na sede do laboratório MARGEM, do Departamento de Educação Física e Humanidades, da FEF/Unicamp em local seguro, localizado na FEF/Unicamp. O mesmo será mantido pelo período de 5 anos e descartado em seguida. Informamos que o mesmo servirá apenas para os objetivos desta pesquisa.

Desconfortos e riscos:

Não há riscos previsíveis. No entanto, as situações de entrevista podem se constituir em momento de exposição de si diante dos outros. É dada liberdade total ao colaborador de se retirar da pesquisa a qualquer momento, assim como não responder o que achar inconveniente.

Benefícios:

Entende-se que não há benefícios diretos ao participante da pesquisa. De forma indireta, estima-se que os resultados produzidos pela pesquisa poderão incidir sobre as políticas sociais e esportivas e no modo como os futuros docentes conduzirão as aulas nesses espaços.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que a identidade de seu filho (a) será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, o nome do participante não será citado.

Ressarcimento e indenização:

Por ser realizada em horário e local da atividade cotidiana de seu filho (a), informamos que o participante não terá despesas pessoais para participar da pesquisa, o que dispensa o ressarcimento. Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato:
Prof. Dr. Mário Luiz Ferrari Nunes – Departamento de Educação Física e Humanidades – FEF/Unicamp - Fone: 3521-6819/ e-mail: mario.nunes@fef.unicamp.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante:

Contato telefônico:

e-mail (opcional):

_____ Data:

___/___/___.

(Assinatura ou nome e assinatura do RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data:

___/___/___.

(Assinatura do pesquisador)

_____ Data:

___/___/___

(Assinatura do pesquisador colaborador)

TERMO DE ASSENTIMENTO (De 15 a 17 anos)

O Termo de Assentimento é um termo usado e obrigatório para pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução Nº 466 do Conselho Nacional de saúde do Brasil, especificamente para participantes de 07 a 17 anos.

- ✓ Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **Projeto Social, Esporte e Educação: as identidades e diferenças presentes no ensino do Taekwondo** para a Faculdade de Educação Física da Unicamp.
- ✓ . Neste estudo, pretendemos (descrever os objetivos de forma clara e objetiva) e o motivo que nos leva a estudar esse assunto é (justificativa e importância do mesmo evitando linguagem técnica).
- ✓ Você participará de uma entrevista na qual você poderá contar suas experiências e expectativas em relação às aulas de Taekwondo do programa escola da família. A entrevista não excederá 1 hora, será gravada e realizada no local em que ocorrem as aulas.
- ✓ Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar o Termo de Consentimento. Porém, você terá o direito de não aceitar participar se não desejar. Pode também levar este termo para casa e discutir a sua participação com a sua família.
- ✓ Você não terá nenhum custo nesta participação, nem receberá qualquer vantagem financeira.
- ✓ O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento sem prejuízos.
- ✓ A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador (a).
- ✓ O tratamento do seu histórico, informações, assim como a sua identidade, seguirão os padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.
- ✓ Este estudo não há riscos para você participar da pesquisa.
- ✓ Você terá assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente em consequência da sua participação na pesquisa.
- ✓ Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e serão publicados em revistas e jornais importantes da comunidade científica. Seu nome ou material que indique sua participação, não será liberado sem a permissão do

responsável por você. Seu nome não será divulgado e o pesquisador (a) poderá usar pseudônimos.

- ✓ Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador Mário Luiz Ferrari Nunes, responsável pela pesquisa, por um período de até 5 anos, e após esse período, serão destruídos.
- ✓ Este Termo de Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador (a) responsável, e a outra será dada para você.

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, _____, portador (a) do documento (RG, Passaporte, CPF) _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **Projeto Social, Esporte e Educação: as identidades e diferenças presentes no ensino do Taekwondo** para a Faculdade de Educação Física da Unicamp de maneira clara pela pesquisadora Gizeli Aparecida Pereira e esclareci todas as minhas dúvidas.

Sei que, a qualquer momento poderei solicitar novas informações/esclarecimentos de dúvidas sobre a minha participação, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se eu assim desejar.

Com o Termo de Consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar voluntariamente desse estudo e que recebi uma cópia deste termo assentimento devidamente assinado pelo pesquisador (a). E que, em caso de dúvidas, ou qualquer outra necessidade, poderei entrar em contato com o mesmo.

(Local e Data)

Assinatura do Pesquisador (a)

Assinatura do Jovem

TERMO DE ASSENTIMENTO (11 a 14 anos)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **Projeto Social, Esporte e Educação: as identidades e diferenças presentes no ensino do Taekwondo** para a Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Seus pais permitiram que você participe.

- Queremos saber com essa pesquisa como você percebe as aulas de Taekwondo no programa escola da família.
- As crianças voluntárias que irão participar dessa pesquisa têm de 12 a 17 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa **se não quiser**, é um **direito** seu, e não terá nenhum problema se você desistir.
- Esta pesquisa será feita no/a local da aula de taekwondo do programa e as crianças participarão mediante uma entrevista na qual poderão contar sobre suas experiências pessoais com o programa escola da família e as aulas de taekwondo.
- A entrevista não passará de uma hora e você não é obrigado a responder o que não quiser contar.
- Não há nenhum risco previsível para a sua participação
- Nós garantimos que ninguém saberá que você está participando da pesquisa, para que você se sinta à vontade e nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Tudo será mantido em segredo e só a pesquisadora Gizeli Aparecida Pereira e o pesquisador Mário Luiz Ferrari Nunes saberão destas informações, que se comprometem em guarda-las em um local seguro.
-
- Os resultados desta pesquisa serão publicados em revistas e jornais importantes para que outros pesquisadores possam saber o que fizemos, mas sem colocar o seu nome ou o nome dos colegas que participaram da pesquisa.
- E, se você tiver alguma dúvida, você pode perguntar para a Gizeli Aparecida Pereira ou para a pessoa responsável (Mário Luiz Ferrari Nunes).
- Se você não quiser assinar logo, você pode levar este documento para casa, conversar com os seus pais e trazer na próxima vez que vier às aulas de taekwondo.
- Seus pais também assinarão um termo parecido com ele, e eles serão esclarecidos de tudo o que irá acontecer com você.

Muito obrigado (a)!

Sumaré, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do Pesquisador (a)

Assinatura da Criança

Aprovação no Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas

Título da Pesquisa: Projeto Social, Esporte e Educação: as identidades e diferenças presentes no ensino do Taekwondo
Pesquisador Responsável: Mário Luiz Ferrari Nunes
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 69383817.1.0000.5404
Submetido em: 31/07/2017
Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio